

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
SISTEMA NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL - SENAI
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA**

KATIELI DA SILVA DAL TOÉ

**DEIXA O MENINO VESTIR ROSA E A MENINA VESTIR AZUL:
DESCONSTRUÇÃO DA BINARIEDADE NA INFÂNCIA PELA MODA
AGÊNERO**

**CRICIÚMA
2019**

KATIELI DA SILVA DAL TOÉ

**DEIXA O MENINO VESTIR ROSA E A MENINA VESTIR AZUL:
DESCONSTRUÇÃO DA BINARIEDADE NA INFÂNCIA PELA MODA
AGÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Tecnólogo no Curso de Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI.

Orientador: Prof. Me. Felipe Kanarek Brunel

CRICIÚMA

2019

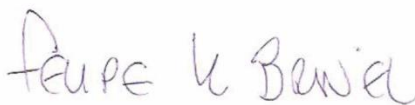
KATIELI DA SILVA DAL TOÉ

**DEIXA O MENINO VESTIR ROSA E A MENINA VESTIR AZUL:
DESCONSTRUÇÃO DA BINARIEDADE NA INFÂNCIA PELA
MODA AGÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Tecnólogo no curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SENAI, com Linha de Pesquisa em Cultura e Historicidade/Aspectos Socioculturais para a moda.

Criciúma, 26 de junho de 2019.

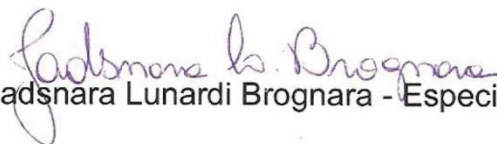
BANCA EXAMINADORA



Prof. Felipe Kanarek Brunel - Mestre - (SENAI/UNESC) - Orientador



Prof^a. Ana Paula Voichinevski Milanese - Especialista - (SENAI/UNESC)



Prof^a. Jadsnara Lunardi Brognara - Especialista - (SENAI/UNESC)

Dedico esse trabalho aos meus pais e ao meu irmão por estarem sempre comigo me apoiando e as minhas amigas que me ajudaram nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares por se preocuparem e me apoiarem nesse difícil e importante trajeto, aos professores e ao meu orientador, Felipe Kanarek Brunel, por terem paciência para explicar e tirar minhas dúvidas sempre que necessário, me guiando para o caminho correto. A mim mesma, por nunca me deixar desistir e manter o foco para alcançar uma pesquisa de qualidade. E, também, aos meus amigos e colegas de classe que estiveram presentes em minha vida durante todos os momentos bons e ruins nesses três anos e meio.

“Seja qual for a liberdade pela qual lutamos,
deve ser uma liberdade baseado na igualdade.”

Judith Butler

RESUMO

Desde o século XVII a moda binária foi se tornando cada vez mais evidente na sociedade tradicional. Também os padrões de gênero têm sido passados de geração em geração, sendo enraizados desde a infância. Em contrapartida, a desconstrução de gênero vem se concretizando cada vez mais desde décadas passadas, principalmente em relação ao vestuário onde surgiu a proposta de moda agênero. Com base nisso, essa pesquisa busca entender o conceito da moda agênero e como esta afeta os papéis de gênero que são ensinados desde muito cedo na sociedade, estudando como esse tipo de vestuário se comporta voltado para o público infantil. Baseando-se em referências bibliográficas, a pesquisa teórica é abordada de maneira qualitativa e exploratória por meio de uma análise de coleções de moda agênero voltadas para o público infantil. Foi verificado que as coleções apresentam subversões de gênero, mas ainda há algumas características heteronormativas que estão enraizadas. A partir disso conclui-se que as propostas agênero na infância são um começo para um futuro com mais igualdade e liberdade, pois a partir delas os padrões de gênero se rompem, livrando as crianças dos estereótipos determinados pela sociedade.

Palavras-chave: Moda Agênero. Gênero. Infância. Subversões. Moda Infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Trajes do século XVI	24
Figura 2 - Trajes masculino século XVII.....	25
Figura 3 - Trajes do século XVIII	26
Figura 4 - Trajes do século XIX	27
Figura 5 - Tendências atuais da moda masculina	30
Figura 6 - Modelos Stefanie e Katia	31
Figura 7 - Trajes infantis do século XIX.....	33
Figura 8 - Retrato de Childs Frick.....	34
Figura 9 - Traje marinheiro infantil.....	35
Figura 10 - Rosa para meninas	37
Figura 11 - Azul para meninos	37
Figura 12 - David Bowie no traje Tokyo Pop	42
Figura 13 - Campanha Louis Vuitton Verão 2016	43
Figura 14 - Trajes de Ruby Rose	44
Figura 15 - Coleção Inverno 2016 da Gucci.....	46
Figura 16 - Coleção de Ronaldo Fraga	47
Figura 17 - Coleção PUC 2017	51
Figura 18 - Coleção PUC 2017	51
Figura 19 - Peças da marca Celinununu	53
Figura 20 - Peças da marca Celinununu	54
Figura 21 - Novas etiquetas da John Lewis	55
Figura 22 - Look da coleção sem gênero	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE	14
2.1 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO	15
2.2 BINARIEDADE E NORMATIVIDADES DE GÊNERO	16
3 MENINOS E MENINAS HETERONORMATIVOS.....	18
4 BINARIEDADE NA MODA	22
4.1 UNIFORMIZAÇÃO DA MODA BINÁRIA	28
4.2 PADRÕES BINÁRIOS IMPOSTOS NA INFÂNCIA PELA MODA	32
4.2.1 Meninas vestem rosa e meninos vestem azul	36
5 RUPTURAS DAS NORMATIVIDADES	39
5.1 MODA SUBVERSIVA DE GÊNERO	40
5.1.1 Tendência da moda sem gênero	45
6 MENINOS E MENINAS USAM O QUE DESEJAREM	48
6.1 ALEXANDRE HERCHCOVITCH PARA PUC.....	49
6.2 A MARCA NUNUNU E A CANTORA CELINÉ DION	52
6.3 JOHN LEWIS E O FIM DA DIVISÃO DE GÊNERO NAS SEÇÕES INFANTIS...	55
6.4 DESCONSTRUÇÃO DA MODA BINÁRIA NA INFÂNCIA	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, muito tem se visto, e dito sobre gênero na moda, principalmente sobre as consequências que a moda binária inflige no comportamento das pessoas. Uma das mais recentes tendências dentro desse assunto é a moda agênero. Sendo o tema em questão relevante para a compreensão e esclarecimento social, torna-se mister estudar as dúvidas que se tem a respeito de seu objetivo e de suas funcionalidades, além de destacar sua importância para o vestuário e mudanças de comportamento.

O conceito apresentado pelos estilistas que adotaram o propósito da moda *genderless*, como o próprio termo já diz, é o de criar peças sem gênero, que vistam qualquer pessoa sem criar uma separação entre feminino e masculino. É uma tentativa de moda criada para pessoas e não para gêneros. Portanto, analisar coleções que apresentam as características dessa nova tendência de consumo sob a ótica de sua funcionalidade na prática, pode abrir novos espaços de compreensão sobre as problemáticas de gênero. Dependendo da forma como os estilistas apresentam este tipo de proposta nos desfiles, a mesma pode trazer um aporte positivo ou negativo para a desconstrução dos padrões de gênero que ainda são enraizados na sociedade atual.

Os padrões acerca do gênero são questões que advém de longa data e se perpetuam pelas ideias impostas as pessoas desde a infância ou, até mesmo, antes do seu nascimento: na escolha das roupas, dos brinquedos e da cor da decoração do quarto especificamente para cada gênero. Sendo assim, a desconstrução desses padrões se faz importante desde a infância, mudando o conceito sobre como essas questões são vistas desde cedo.

O vestuário, sendo uma das principais estratégias na demarcação dessa binariedade, pode ser o ponto de partida para a quebra da sociedade heteronormativa. Por isso, essa pesquisa busca ampliar os estudos sobre gênero e moda, analisando algumas propostas de coleções agêneros voltadas para o público infantil, a fim de entender como essas afetam a desconstrução das normas de gênero.

Muitas pessoas não entendem a relevância dessas coleções, uma vez que existem muitas questões a serem esclarecidas sobre essa proposta que foge dos padrões de gênero, especialmente em relação ao seu conceito e o que ela

implica para o mundo da moda, para a sociedade e, principalmente, para as crianças.

Com base nisso, surge a necessidade de trabalhar o seguinte problema de pesquisa: Como as propostas de coleções agênero infantis influenciam na desconstrução dos padrões de gênero binários?

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as características de coleções agêneros infantis sob a perspectiva da desconstrução dos padrões de gênero.

Os objetivos específicos são: (1) conceituar gênero e sua performatividade a partir da autora Judith Butler; (2) observar a introdução da binariedade na indumentária adulta e infantil; (3) estudar formas de rupturas de gênero na moda; (4) analisar as propostas de moda agênero infantis; (5) apontar as características e as funcionalidades dessas coleções.

Quanto a metodologia, essa pesquisa é de natureza básica que, segundo Schwartzman (1979), é onde busca-se informações sobre determinado assunto com o objetivo de gerar resultados que podem ou não serem aplicados. No que se refere a abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, onde as informações encontradas são estudadas e interpretadas a fim de obter significado às mesmas e os dados não podem ser mensuráveis (RODRIGUES, 2007). Para alcançar o objetivo, a pesquisa é exploratória, pois é formulada com o intuito de demonstrar uma visão geral sobre os fatos obtidos, a pesquisa exploratória é utilizada principalmente para tratar de assuntos que possuem poucas informações ou que foram pouco explorados (GIL, 2007).

Como procedimentos técnicos, a pesquisa utiliza de uma vasta revisão bibliográfica, isso significa que a mesma utilizou materiais já existentes para seu desenvolvimento, dentre esses materiais os principais são livros, revistas e pesquisas acadêmicas (GIL, 2007). Também foi realizada uma análise de coleções ou marcas de moda agêneros voltadas para o público infantil. Os exemplos analisados foram a coleção do Alexandre Hechcovitch para a marca PUC, a coleção da marca Celinununu, parceria da cantora Celiné Dion com a marca Nununu, e a marca John Lewis. As informações obtidas para a análise foram retiradas dos sites das marcas e de jornais ou revistas *online*.

O estudo teórico tem cinco capítulos. O primeiro capítulo, GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE, aborda os conceitos de gênero e sexualidade. O gênero é

formado por posturas sociais adquiridas ao corpo sexuado, o sexo, que é determinado biologicamente pelas genitais. A sexualidade define as práticas sexuais humanas e com quem se relacionam. Neste capítulo também é trabalhado o conceito de performatividade de gênero, ou seja, como o gênero é expressado através de gestos e comportamento. Por fim, o capítulo foca na binariedade e na ideologia heteronormativa que determinam que sexo e gênero devam ser coerentes. O padrão de gênero enraizado na sociedade divide-se somente em masculino e feminino em que todas as relações devem ser heterossexuais. O capítulo articula as teorias de Butler (2018), Pinho e Reis (2016), Grossi (1998) e Oliveira e Silva (2016).

No terceiro capítulo, MENINOS E MENINAS HETERONORMATIVOS, é trabalhado a heteronormatividade na infância por meio das pesquisas de Ribeiro (2006), Felipe (2000) e Brabo e Silva (2016). As meninas e os meninos são influenciados e ensinados desde cedo pelos familiares e pela escola a se comportarem de acordo com os papéis de gênero que lhe são impostos. Sendo os brinquedos e as roupas as principais ferramentas influenciadoras. Meninas aprendem a ser mães e donas de casa através das bonecas e mini eletrodomésticos e meninos aprendem a ser fortes e independentes por meio de brincadeiras de soldados e heróis.

No capítulo quatro, BINARIEDADE NA MODA, são trabalhados os autores Lipovetsky (1989), Pollini (2009), Cosgrave (2012), Barbosa e Quedes (2008) e Maglaty (2011). Nesse capítulo abordou-se a binariedade no vestuário, mostrando as mudanças que ocorreram desde o século XV até os dias atuais. Durante séculos as roupas femininas e masculinas não tinham distinção, somente mais recentemente, a partir do século XIX, assumiu-se a visão binária como se conhece hoje. A moda infantil também acaba sofrendo influência da binariedade, isso porque antigamente as crianças eram vistas como miniaturas dos adultos e herdavam a divisão entre feminino e masculino pelas calças e saias ou vestidos decorrentes do vestuário adulto, além das cores rosa para meninas e azul para meninos.

As rupturas e subversões das normatividades, principalmente na moda, é o tema trazido no capítulo cinco, RUPTURAS DAS NORMATIVIDADES. Mostrou-se através da Teoria Queer, que é uma crítica à sociedade e traz uma reflexão a respeito das diversidades, maneiras de romper os padrões. A moda que antes delimitava as identidades, agora também promove diversas possibilidades, dando às pessoas oportunidades de montarem suas próprias identidades. Foram vistos

também, exemplos de alguns artistas que seguem a moda subversiva, como David Bowie, Jaden Smith e Ruby Rose. Ainda nesse capítulo vê-se, dentre as diversas modas subversivas, a tendência agênero, que busca fazer peças que sirvam para pessoas independentemente de seus gêneros e vem ganhando cada vez mais destaque. O capítulo usa autores como Pino (2007), Louro (2001), Nepomuceno (2009), Carvalho e Silva (2016) e Barreto e Schneid (2017).

Em seguida, no sexto capítulo, MENINOS E MENINAS USAM O QUE DESEJAREM, explorou-se a tendência agênero voltada especificamente para o público infantil. A proposta de moda agênero se adapta melhor aos corpos das crianças por não existir tanta diferença entre o corpo masculino para o corpo feminino durante a infância, além disso, as crianças crescem com menos preconceitos. Para uma melhor análise, foram escolhidas três marcas infantis que trabalharam com a proposta agênero, a PUC, a Celinununu e a John Lewis. Duas das marcas analisadas apresentavam um histórico de binariedade em suas peças, a outra já havia trabalhado com propostas de moda mais neutra antes. No geral, as coleções das marcas condizem com a proposta da moda agênero, principalmente na questão da modelagem. Entretanto algumas características abrem espaço para a discussão final que vem a seguir.

A partir das análises foi possível apontar as características de cada exemplo em relação à proposta agênero. Os resultados apontam para a importância da moda agênero infantil, mas, ao mesmo tempo, também mostram alguns pontos que podem ser melhorados para a concretização de uma moda desmistificada de gênero, como a inserção de mais elementos femininos, já que se percebe ainda o receio quanto a feminilidade para os meninos. A moda agênero infantil deveria proporcionar um vestuário mixado que permita que as crianças escolham livremente o que querem ser e o que querem vestir.

2 GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE

Gênero e sexo estiveram interligados e é comum pensar nestes com o mesmo significado, porém essa presunção foi deixada de lado a muito tempo com o surgimento da tese que distingue esses conceitos, provocados pelos debates de feministas norte-americanas com o objetivo de questionar os padrões de gênero motivados por um suposto determinismo biológico.

Dentre as diversas pesquisadoras feministas destaca-se Judith Butler (2018) que em sua obra mostra que o gênero é construído culturalmente, psicologicamente e socialmente, ou seja, ele é formado por posturas culturais que são assumidas pelo corpo sexuado ao longo da vida e sofre uma forte influência dos ambientes em que convive em sua formação. Por conseguinte, se deduz que o gênero não se restringe e nem depende do sexo em sua formação além de não ser necessariamente fixo. Sendo assim, expressões femininas e masculinas podem ser atribuídas a um corpo independentemente do que foi definido biologicamente.

Enquanto isso, o sexo é fixo e determinado pela biologia se limitando binariamente entre feminino e masculino. Desta forma o sexo seria um conceito formado naturalmente. Mas, analisando que o próprio conhecimento de que as espécies se dividem entre macho e fêmea como explicação para a natureza biológica dos corpos humanos é uma informação cultural, o sexo se torna tão cultural quanto o gênero. (PINHO; REIS, 2016).

Além desses conceitos, existe um terceiro essencial, a sexualidade. Este é o termo que define as práticas sexuais humanas, ou seja, com quem as pessoas se relacionam, sendo enquadradas entre heterossexuais que se relacionam com pessoas do sexo oposto, homossexuais que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, bissexuais que se relacionam com homens e mulheres, pansexuais que se relacionam com pessoas independentemente de seu sexo ou gênero e os assexuais que não sentem atração sexual por qualquer pessoa. Sendo os dois primeiros considerados principais por terem mais visibilidade na sociedade. Conforme Grossi (1998), a sexualidade também é culturalmente desenvolvida e, uma vez que ela é relacionada com a reprodução que ocorre com pessoas de sexos opostos, a heterossexualidade é vista como algo instintivo da natureza humana reprimindo qualquer outro tipo de sexualidade.

2.1 PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Ao longo de suas vidas, as pessoas passam pelo processo de auto percepção definindo como se identificam em relação a sociedade e a si mesmas. Além de objetivar o que são e o que querem vir a ser, num sucessivo processo de transformação em busca de aprimorar e explorar seus potenciais. Para Embacher (1999), isso resulta no desenvolvimento da identidade que, por conta das transformações, é considerada mutável.

A identidade de gênero se dá com a relação gênero/sexo/sexualidade e refere-se especificamente ao sentimento individual do ser ou querer vir a se tornar homem, mulher ou outro no caso de pessoas não binárias sendo essa igualmente culturalmente construída e influenciada pelos diversos ambientes sociais frequentados pelo indivíduo (PINHO; REIS, 2016).

Esse processo de construção da identidade de gênero acontece antes mesmo do nascimento. Segundo Grossi (1998), desde o momento da descoberta do sexo do bebê ainda na barriga da mãe logo se atribui um nome a criança conferindo a este uma rotulação de menino ou menina com base em suas genitais e, assim, cria-se expectativas sociais em relação ao seu comportamento que devem ser condizentes ao seu sexo.

Para Butler (2018) o gênero é a incorporação dessa concepção individual que acontece no processo da construção da identidade através dos comportamentos tomados por um corpo. Sem essas ações não haveria gênero, pois se ele não for exercido através do comportamento não haverá outra essência para que ele se expresse. Esses gestos e atuações são compreendidos como performativos, ou seja, a maneira como as pessoas vivenciam o gênero sob a pressão imposta pela ordem heterossexista, expressando-o através do jeito de se vestir, atos gestos e fala, sendo o gênero uma constante performance sem ter uma identidade sólida. (HEINZELMANN et al., 2014).

Em contrapartida o que a identidade pretende expressar são sinais comportamentais e outros meios discursivos encontrados dentro de uma realidade fabricada por discursos sociais que normatizam a política do corpo e controlam a segregação entre gênero interno e externo. (BUTLER, 2018).

Logo, o gênero se corporifica a partir da incessante oscilação entre o sexo e a norma ditada pela sociedade binária e heteronormativa, Butler (2003, apud

LIMA, 2014) afirma que nessa contínua mutação se produz uma falsa sensação de estabilidade do gênero, com interesse único na construção de uma identidade regulada dentro dos padrões heterossexuais que visam a sexualidade para a reprodução e buscam a exclusão das discontinuidades do gênero (homossexuais, bissexuais e transexuais) que são consideradas anormalidades.

2.2 BINARIEDADE E NORMATIVIDADES DE GÊNERO

Existem determinados tipos de normas que desde a infância são ensinadas às pessoas e que são passadas de geração a geração, as quais são julgadas como essenciais para formação do caráter. Dentre essas a mais frisada tem relação com o gênero, pois a sociedade binária ensina diferentes formas de comportamento para meninas e meninos que acabam resultando na formação de padrões normativos de gênero o que, automaticamente, determina como alguém deve agir de acordo com o sexo que nasceu.

Butler (2018) mostra que a sociedade, desde quando se sabe, tem sido patriarcal, ou seja, os homens possuíam os cargos de maior poder no ambiente familiar e na sociedade. Também que essa é considerada uma estrutura repressiva e regulamentadora, havendo assim uma relação de domínio entre os homens e as mulheres. Estendendo-se do patriarcado, surge o conceito do binarismo, em que a maioria dos membros de uma sociedade se enquadra no sexo feminino ou masculino determinado de forma biológica. Logo, segundo a autora, o gênero também é visto como limitado entre esses dois eixos, por ser considerado dependente do sexo. Isso era mister entre todos antes das teses de distinção dos conceitos, mas continua sendo fortemente difundido na sociedade atual.

Segundo Pinho e Reis (2016) esse binarismo decorre num tipo de política regulamentadora que define normas de comportamento de acordo com o que se sugere como coerente: o gênero e sexo correspondentes. Além disso, as normas aparecem nas características físicas que são consideradas essenciais para cada gênero, como força e virilidade no caso dos homens e delicadeza e beleza para as mulheres. Logo, feminino e masculino mantém uma relação de oposição, com papéis de gênero fortemente delimitados. De tal forma que tudo que vem do oposto deve ser rejeitado.

Em conjunto, esses padrões, de tanto serem frisados pela sociedade,

tornaram-se "verdades únicas" que determinam o que é ser mulher e ser homem na questão de identidade de gênero. Sendo assim, além do sexo biológico, aqueles que não se encaixam nesses termos não podem ser considerados homem e mulher. Essa maioria cultural que impulsiona as pessoas ao que elas devem ser é chamada de ideologia heteronormativa. (BUTLER, 2018).

Ideologia é um conjunto de ideias de um grupo, normalmente de classe dominante, que tem como objetivo justificar seus atos como forma de manter a ordem social sem serem questionados, assim suas palavras se tornam naturalmente aceitáveis. A heteronormatividade é uma norma heterossexual que usufrui da biologia, da religião e da política como argumentos para justificar os padrões normativos por eles determinados. Para eles, o que é importa é a definição e distinção dos gêneros por meio do sexo biológico, independentemente de qualquer outra razão. Ou seja, mulheres possuem vagina logo são do gênero feminino e homens possuem pênis assim são do gênero masculino, devendo esses dois manterem relacionamentos heterossexuais. (OLIVEIRA; SILVA, 2016).

Essa matriz cultural que estabelece que as pessoas possuam uma identidade de gênero inteligível e que haja coerência entre sexo, gênero e sexualidade, exige que não deva existir qualquer outro tipo de identidade que são incoerentes e consideradas falhas do desenvolvimento por não seguirem as regras de inteligibilidade. (BUTLER, 2018).

Para atender o esperado pela heteronormatividade, além de apresentar uma identidade coerente dentro dos padrões de sexo/gênero/sexualidade, Felipe (2000) afirma que é preciso também seguir os papéis de gênero impostos por ela que dizem, por exemplo, que a mulher nasce com o instinto materno, logo ela é a responsável pela educação das crianças. Junto a isso, ela deve cuidar das tarefas domésticas e servir ao homem que, por ser mais forte, fica encarregado de trabalhar para manter a casa. Segundo o autor o sexo masculino sempre teve mais visibilidade social e era tido como superior ao sexo feminino. Enquanto o homem falava e evidenciava inteligência a mulher deveria apenas consentir e nunca demonstrar.

Percebe-se neste ponto como os papéis de gênero são os culpados pela desigualdade de gênero e, como era o objetivo da heteronormatividade, se tornaram naturalmente aceitáveis e enraizados na sociedade de tal maneira que são considerados essenciais na educação das crianças.

3 MENINOS E MENINAS HETERONORMATIVOS

Na infância existe uma forte preocupação com a formação do caráter e da moral da criança pois, para a sociedade, a criança é maleável e deve ser moldada de acordo com as suas normas. Por conta disso, a construção social dos papéis de gênero ou dos padrões de comportamento de gênero se dá logo nessa fase da vida e tem forte relação com a questão da sexualidade, onde meninos e meninas começam a ser tratados de maneiras diferentes.

Ensina-se para as crianças, pelas próprias famílias e nas escolas, que a sexualidade é composta por atos obscenos e indecentes tomados pelos corpos, portanto, elas devem manter distância deste tipo de comportamento e é extremamente proibido falar sobre isso. Porém, com o decorrer do tempo, com cerca dos 7 ou 8 anos, as crianças começam a demonstrar maior interesse sobre o assunto e a partir desse momento passa a ocorrer uma segregação das crianças pelo sexo. Os pais dizem para as meninas que os meninos são violentos e imprudentes e por isso não devem andar nem brincar com eles, para os meninos os pais alegam que não é bom se enturmar com meninas pois é malvisto pela sociedade e podem ser taxados de “boiolas”. (RIBEIRO, 2006).

Através desse distanciamento entre meninos e meninas é possível perceber como a sociedade é capaz de criar normas para controlar os corpos, condutas e demonstrações de sentimentos, com o intuito de vigiar as sexualidades das crianças mantendo-as longe dessa área julgada perigosa. O maior motivo da criação dessa barreira entre os meninos e meninas é o receio de que eles tenham contato com a sexualidade. (FELIPE, 2000).

Por isso surge a necessidade de reforçar a todo o momento as diferenças existentes entre os sexos. É nessa ocasião que a heteronormatividade adentra na infância trazendo o argumento do instinto como justificativa para a desigualdade de gênero. De acordo com Brabo e Silva (2016), esta é imposta primeiramente pelos familiares que tem contato com a criança desde o nascimento e, posteriormente, pelas pessoas que compõem o ambiente escolar.

No ambiente familiar o processo de feminização e masculinização começa com a expectativa que os familiares têm a respeito da criança. Antes mesmo do nascimento a família já faz escolhas baseadas no sexo do bebê, se for menina compram roupas e enfeites para o quarto rosa, se for menino todas as escolhas

apontarão para o azul. Meninas vestem rosa, meninos vestem azul. Além disso pequenos gestos ou falas dos pais e parentes podem reforçar as características físicas e comportamentos esperados de cada gênero, como por exemplo, chamar uma menina de caprichosa quando ajuda nas tarefas domésticas e elogiar um menino quando ajuda nos trabalhos pesados. (FINCO; VIANNA, 2009).

Em seguida, se inicia a escolarização das crianças que, conforme Louro (1995, apud FELIPE, 2000), também tem papel de controlar os corpos e as atitudes na formação das crianças. A escola, juntamente com a família, busca outras formas de ensinar às meninas e aos meninos os comportamentos ideais coerentes aos papéis de gênero exigidos pela coletividade. (BRABO; SILVA, 2016).

Os brinquedos são os principais instrumentos usados pela sociedade para transmitir esses papéis. Finco e Vianna (2009) explicam que assim as crianças aprendem de forma imperceptível e prazerosa a serem meninas e meninos, conforme o que é esperado. Isso porque os brinquedos e brincadeiras têm uma importância primordial na infância pois são algumas das principais formas das crianças se expressarem, são os meios pelos quais elas interagem entre si e aprendem e se desenvolvem socialmente. É importante esclarecer que as crianças não têm a noção do que é considerado brinquedo de menina e de menino, essa é uma concepção formada por um longo processo histórico e social. (CAMPOS; MACEDO; SARAT, 2016).

É por serem tão importantes que os brinquedos têm a capacidade de condicionar as crianças aos papéis de gênero. A partir disso, Brabo e Silva (2016) citam que a família e a escola induzem aos meninos brinquedos como carrinhos, soldados e heróis, já para as meninas são oferecidas bonecas, casinhas e utensílios domésticos de brinquedo. Nesse ponto, os autores mostram como são apresentadas para os meninos as ideias de independência, raciocínio, liderança, agressividade e força, enquanto para as meninas são dadas as funções relacionadas aos cuidados da casa e à maternidade, tudo isso inconscientemente através dos brinquedos.

Percebe-se, em relação aos meninos, uma grande preocupação na formação de sua masculinidade e, por isso, na maioria das vezes eles são colocados como o centro das atenções. Todos os incentivos, dados por meio dos brinquedos, de liderança, coragem, força física, inteligência, virilidade, entre outros, são o que baseiam a construção da masculinidade infantil que é considerada uma preparação essencial para vir a se tornar um “verdadeiro” homem adulto. (FELIPE, 2000). Cabral

e Diaz (1998) afirmam, também, que a masculinidade está fortemente ligada a sexualidade que, a partir de certa idade, deixa de ser algo proibido aos meninos, uma vez que desde o ambiente familiar eles são preparados para usufruir do prazer sexual, já que a sexualidade masculina é sinal de orgulho e é a principal forma de reafirmar a virilidade.

Já para as meninas as regras são apresentadas de forma mais rigorosa. Felipe (2000) afirma que das meninas são exigidos comportamentos com maior recato e pudor em comparação aos meninos. Além de serem colocadas num papel de subordinação sendo consideradas inferiores ao sexo oposto. Isso porque, como mostra Cabral e Diaz (1998), o papel da maternidade é dado a elas como um destino certo, assim as meninas são incentivadas a cuidar da casa, servir e ser dependentes do marido. Todas essas ideias também são reforçadas quando ensinam as meninas a brincarem de boneca, de casinha, de cozinhar, tudo isso remete ao futuro papel de mãe e dona de casa.

Nota-se como o sexo feminino é relacionado diretamente com o lar. Devido a isto, a maioria das mulheres não tinham acesso à informação e educação superior. Logo, em situações sociais é extremamente valorizado que elas tenham um comportamento discreto e modesto pois este não é o lugar onde elas pertencem. O silêncio vindo de uma menina é considerado sinal de boa educação. Enquanto isso, os meninos têm brincadeiras e brinquedos que estimulam muito mais a imaginação e a fala. Esses atributos são importantes para a evolução de sua inteligência e para prepara-los para lidar com o trabalho produtivo e a sociedade aonde pertencem. (FELIPE, 2000).

A sexualidade é outro assunto que é tratado de forma diferente de meninos para meninas, enquanto a sexualidade masculina é definida como essencial para suas formações como homens, a sexualidade feminina se limita ao ato da reprodução e não ao prazer, por isso deve ser reprimida e negada até a vida adulta. Falar desse tema com meninas ainda é considerado um tabu, para elas a sexualidade é representada por meio de atos sujos e proibidos. (CABRAL; DIAZ, 1998).

É preciso ressaltar que, segundo Buttler (2018), a existência de um gênero se dá em relação ao oposto, ou seja, o ser menina termina aonde começa o ser menino e vice-versa. Uma menina que brinca de carrinho e um menino que brinca de boneca não são bem vistos e podem ser julgados pela sociedade, pois

tudo que vem do gênero oposto deve ser rejeitado de acordo com as normas da heteronormatividade.

Entretanto, como as crianças são ingênuas e não têm a concepção dessa divisão de gênero, como já dito anteriormente, em determinados momentos acontecem o interesse pelo oposto. Nesses momentos percebem-se como as proibições em cima desse interesse são mais severas para os meninos do que para as meninas. Por exemplo, uma menina pode se vestir quase que por completo como um menino que não haverá tanta cobrança como acaso de um menino interessado por vestidos e saias, assim como nas brincadeiras é mais aceitável que uma menina brinque de bola do que um menino brinque com bonecas. (GRACIANO, 1978).

Isso porque, para a heteronormatividade, esses comportamentos podem trazer atributos de feminilidade aos meninos, o que pode comprometer gravemente sua masculinidade. Portanto, é importante não haver distrações na construção da masculinidade dos meninos, tanto que o trabalho virou hábito aos homens por ser usado por diversas vezes como tática para mantê-los ocupados e longe de pensamentos “perigosos” que podem afetar sua virilidade. (FELIPE, 2000).

Apesar dos papéis de gênero serem apresentados pela sociedade heteronormativa como atributo incentivado naturalmente e biologicamente nas pessoas, sabe-se que isso não é verídico e que esses comportamentos são construídos socialmente e culturalmente e não são necessariamente ligados a determinado sexo. Isto é notável nos estudos de Margaret Mead (1935, apud GRACIANO, 1978), que apontam os comportamentos de algumas culturas primitivas, como por exemplo na sociedade dos Mundugumor onde tanto homens como mulheres apresentavam comportamentos agressivos e as mulheres não tinham apreço as atividades maternas. Já na tribo Tchambuli, ela encontrou homens extremamente vaidosos e mulheres que se preocupavam mais com as atividades produtivas, como pesca, do que com a aparência.

Mesmo com tantos estudos a respeito do comportamento dos gêneros, a sociedade heteronormativa ainda insiste que o sexo masculino e feminino, estando em coerência com o gênero, devem agir de acordo com o que, para eles, é predestinado pela natureza humana. Sendo esse um argumento usado há anos, os padrões de comportamento se tornaram tão habituais que realmente parecem ser naturais do ser humano. Enraizados de tal maneira que na maioria das vezes nem os estudos, como o de Mead, são capazes de desmistificar.

4 BINARIEDADE NA MODA

Como já visto anteriormente, a construção da identidade ocorre pela concepção individual do próprio corpo e como ele se identifica no meio social e o vestuário sendo o que se tem de mais próximo do corpo, cumpre um papel importante nessa construção, além de ser considerado uma das maiores formas de auto expressão. Crane (2006) aponta que desde os séculos anteriores pode-se perceber como as roupas, além de servirem para proteger o corpo e serem usadas como artefatos de vaidade, acabaram sendo utilizadas para transmitir diversas informações sobre seu usuário perante a sociedade como a ocupação, a identidade regional, a religião e a classe social. Por meio desses fatores, é possível compreender como as vestimentas são capazes de influenciar o comportamento social, mudando a forma como as pessoas se veem e são vistas.

Mas, analisando a história da indumentária, é possível afirmar que nem sempre foi assim. Para a sociedade primitiva e hiperconservadora os costumes e valores eram importantes e deveriam ser passados de geração em geração. Qualquer ideal ou movimento novo que surgisse e fosse aceito pelos seus descendentes, seria visto como uma desqualificação do passado, como se os modelos novos fossem superiores ao antigo. Acontecia então, uma imobilidade na história, os modelos herdados eram repetidos pelas gerações sem dar a oportunidade do surgimento de novas maneiras de ser e de parecer. Isso porque as pessoas tinham muito respeito pelos seus ancestrais, o que significa que a palavra deles não deveria ser contestada de forma alguma e essa continuidade deveria ser valorizada. Sendo assim, não existia a necessidade da moda como se conhece, já que as simples roupas da época, assim como os outros costumes, eram mantidas sempre as mesmas. (LIPOVETSKY, 1989).

Na Roma antiga, por exemplo, as roupas praticamente não tinham modelagem, eram básicas e não continham significados tão fortes como viriam a ter hoje. Bain (2015) alega que a criação de uma peça acontecia em sua maioria no próprio tear, que resultava em um tecido em formato retangular com uma passagem para a cabeça e era pregado nas laterais, conhecido como túnica. “No Egito antigo, o mesmo tipo de toga-túnica comum aos dois sexos manteve-se por quase quinze séculos com uma permanência quase absoluta” (LIPOVETSKY, 1989, p.28). A única distinção das túnicas que as mulheres e os homens usavam estava no comprimento,

sendo a dos homens um pouco mais curta, fora isso a silhueta formada pela peça era a mesma.

Essa mesmice e imobilidade é deixada de lado, especificamente na Europa, por volta do início do movimento renascentista, o qual causa grandes mudanças na forma de pensar e no comportamento das pessoas. Nesse período, a divisão da sociedade por classes começa a se dissolver e surgem a valorização da racionalidade e o interesse pela realização pessoal juntamente com o individualismo, que traz a libertação do indivíduo em relação ao coletivo, que agora tem confiança em suas decisões. É a partir deste momento que ocorre a valorização do novo e da mudança e as roupas ganham outro significado, agora elas servem para expressar essa nova forma de pensar e ser de cada pessoa. (POLLINI, 2009).

Na moda que evoluiu junto à sociedade, a maior mudança advém quando começa a ser construído um distanciamento da imagem da mulher e do homem, criando os padrões binários e, em consequência, a exigência por parte da maioria opressora em relação a estes. Butler (2018) comenta que esta questão acaba por gerar a rotulação e a divisão das roupas e acessórios como masculino e feminino. Divisão essa que se amplia a partir do século XV e que foi um grande marco para a moda. Até este período, as roupas femininas e masculinas eram basicamente idênticas em suas estruturas, o que os diferenciavam eram os adornos. E, ao contrário do que se conhece nos tempos atuais, não foram as roupas femininas que ficaram mais enfeitadas e chamativas. Durante um bom período, o vestuário masculino foi mais elaborado e vivaz do que o feminino. (POLLINI, 2009).

Cosgrave (2012) destaca que os homens começaram a usar um calção por baixo das túnicas que se tornavam cada vez mais justas e curtas até transformarem-se nos gibões do século seguinte, que seriam usados com uma espécie de meia-calça. Segundo a autora, essa é a transformação que estabelece a maior diferença entre os trajes masculinos e femininos, que acaba servindo de base para os trajes atuais. Além disso, na junção dessa meia-calça, cobrindo de certa forma a genitália do homem, ficava a braguilha, uma peça chamativa que destacava ainda mais essa parte do corpo e automaticamente as diferenças entre os sexos (POLLINI, 2009). Em contrapartida, Lipovetsky (1989) diz que, as vestimentas das mulheres continuavam seguindo a norma dos vestidos longos, porém esses agora passam a ser tão ajustados como os trajes dos homens e possuem um decote avantajado, com o intuito de ressaltar a silhueta do corpo feminino. Além disso, as

mulheres usavam uma espécie de enchimento sobre o ventre, por baixo do vestido, para simbolizar que essas seriam saudáveis para engravidar, dando uma alta importância para a reprodução.

No século XVI a moda teve grande influência do estilo espanhol, que trazia roupas com tons de seriedade e rigidez, principalmente através da predominância do preto e tons escuros, mas sem deixar a riqueza de lado, ainda presente nos bordados com fios de ouro e prata que se destacavam ainda mais nos tecidos escuros. Nesse período, o vestuário masculino continuava sendo composto pelo gibão, acompanhado agora pelas capas ricamente decoradas e pelos calções bufantes usados por cima das meias. Já os trajes femininos começavam a se destacar. Os vestidos antes simples, agora se tornam mais chamativos, pois eram tão ricamente bordados quanto o traje masculino, além disso, havia a inclusão das estruturas chamadas *farthingales*, que serviam para armar as saias dando a impressão de uma cintura estreita, que ficava ainda menor com o uso dos corpetes. (POLLINI, 2009). Essas características podem ser vistas na figura 1, abaixo.

Figura 1 - Trajes do século XVI



Fonte: Produzido pela autora com imagens de Peter Paul Rubens¹.

¹ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/entity/m0pwnh>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

Nessa época também foi quando houve a primeira aparição do sapato com salto, que se derivou das botas dos soldados da cavalaria que tinham salto com o intuito de manter os pés presos no estribo. Não demorou muito para que o calçado se adaptasse para o cotidiano, porém agora tinha o objetivo de distanciar os pés do chão sujo, além de trazer uma sensação de elevação ou superioridade a quem usava e eram utilizados tanto por homens como mulheres. Inclusive o salto masculino se tornou mais enfeitado e extravagante que o feminino durante o século. (COSGRAVE, 2012).

Segundo Lipovetsky (1989) o estilo militar se torna a próxima inspiração no século seguinte, mas isso não impede os trajes masculinos de serem extravagantes, pelo contrário, os trajes ficam mais enfeitados com fitas e rendas. Mesmo porque, o próprio equipamento militar foi sofisticado pela moda, sendo usadas esporas douradas, rosas na espada e botas com detalhes em renda como mostrado na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Trajes masculino século XVII



Fonte: Hyacinthe Rigaud².

² Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/lu%C3%ADs-xiv-rei-de-fran%C3%A7a-1638-1715/FgGUEl5poz0FIA>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

Somente no século XVIII, é que os papéis começam a se inverter, a moda feminina finalmente ultrapassa a moda masculina na questão de exuberância. O corpete ainda é usado pelas mulheres e as vestimentas se tornam mais amplas, chegando ao extremo com o uso das *panniers*, estruturas parecidas com as antigas *farthingales* porém extremamente maiores em sua largura impossibilitando duas mulheres de andar ou sentar lado a lado. Os trajes masculinos seguem o caminho contrário e se tornam mais simples, sendo compostos por apenas três peças, o colete justo, o casaco que ia até os joelhos e o calção que agora era justo. (POLLINI, 2009). Segue abaixo os trajes da época representados na figura 3.

Figura 3 - Trajes do século XVIII



Fonte: Produzido pela autora com imagens de Jean-Baptiste van Loo³ e Carle Van Loo⁴.

De acordo com Lipovestky (1989), essa questão da extravagância e exuberância na moda, tanto feminina como masculina, era vista por muitos como futilidade. O autor mostra como desde a antiguidade existe o costume da difamação e o excesso nas vestimentas, penteados e maquiagens passa a ser condenado, principalmente pelas pessoas religiosas. É possível verificar nesse momento como a

³ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/lus-xv-rei-de-frana-e-de-navarra-1710-1774/GAH85hB-TeU40w>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

⁴ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/marie-leszczinska-rainha-da-fran%C3%A7a-1703-1768/0AGLoul4eZBqRw>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

moda, que agora possui variações e sempre passa por mudanças, permite as pessoas a escolherem o que as agrada, dando a maior possibilidade de julgar os outros ao seu redor, ou seja, a moda nem sempre é aceita e bem vista por todos.

Entretanto, essa exuberância toda foi totalmente deixada de lado quando ocorreu a Revolução Francesa. Com o fim da monarquia e a ascensão da burguesia, a Inglaterra, que era vista como liberal muito antes da revolução, se tornou o novo modelo de moda a ser seguido. Diferente da França, os ingleses adotaram uma moda bem menos exuberante, principalmente no vestuário masculino. Os calções masculinos foram substituídos pelas calças sociais como se conhecem atualmente. No começo, no entanto, as calças eram bem mais justas e em conjunto das botas, do colete curto, do casaco justo e do lenço no pescoço completavam o traje dos homens. Além da Inglaterra, a Grécia foi quem serviu de exemplo para a moda feminina, que agora deixava todos os adereços e armações de lado para dar lugar a vestidos leves e fluidos de linho ou cambraia decotados e com cintura alta. (POLLINI, 2009). Esses trajes são apresentados na figura 4, a seguir.

Figura 4 - Trajes do século XIX



Fonte: Produzido pela autora com imagens de Vicente López Porta⁵ e Antoine Cécile⁶.

⁵ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/the-marquess-of-remisa/xAGwxVJw3zF53g>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

⁶ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/young-woman-seated-in-the-shade-of-a-tree/AQGo716ENWfH1A>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

A partir do século XIX, com a consolidação da calça como uma peça estritamente masculina, as mulheres foram proibidas de usá-la assim como qualquer tipo de calção após a puberdade, essa regra valia em alguns lugares como, por exemplo, a França. Isso porque para a sociedade daquela época, qualquer divisão entre as coxas de uma mulher era considerada obscena, mesmo que fosse apenas um pedaço de pano. Quem contrariava essa proibição eram as prostitutas e as mulheres de classe trabalhadora que utilizavam a calça para possibilitar praticidade ao movimento. (SVENDSEN, 2010).

Os trajes masculinos passam por algumas alterações até o final do século XIX, quando se concretizam no terno como se conhece hoje, a junção do colete, paletó e calça, se tornando o principal traje exclusivo do vestuário masculino. Por ser considerado uma veste sóbria e séria ele não seria próprio para mulheres, era feito para os homens que trabalhavam fora de casa, dentro das empresas no mundo dos negócios, onde o terno expressava as diferenças de classes sociais, pois representa poder. (CRANE, 2006).

De certa maneira, os trajes do século XIX serviram de base e moldaram a maneira como as pessoas se vestem hoje. Nessa época, as distinções entre moda feminina e masculina já estavam bem distantes e diferentes do que antes. Mas, segundo Cosgrave (2012), a chegada do século XX trouxe em partes a igualdade dos sexos, tanto na moda, com a conquista do uso da calça, por volta dos anos 1930, como socialmente, já que as mulheres estavam se tornando mais ativas e tomando cargos maiores na sociedade em busca pelos direitos iguais. Entretanto, atualmente ainda existem muitas questões a se discutir em relação a igualdade de gêneros na sociedade e na moda.

4.1 UNIFORMIZAÇÃO DA MODA BINÁRIA

Mesmo com toda a evolução que a moda tem passado, tornando-se mais versátil para ambos os gêneros, a barreira que existe entre vestuário e comportamento masculino e feminino ainda é muito forte. Por mais que, como visto anteriormente, as mulheres já conquistaram e estão conquistando cada vez mais a igualdade entre os gêneros na moda e na sociedade, ainda existem muitos padrões relacionados a aparência e comportamento dos homens e das mulheres a serem desconstruídos, principalmente os padrões masculinos que costumam ser mais

rígidos. Portanto, nesse subcapítulo serão apresentadas informações sobre como esses padrões de comportamento e a distinção dos gêneros têm se comportado na moda dos últimos anos até agora, com base nos estudos do Império do Efêmero de Lipovetsky (1989).

Na moda, as mulheres alcançaram o direito ao uso da calça, além disso, é possível notar a adoção de diversos outros artigos do vestuário masculino no vestuário feminino, como, por exemplo, o jeans, o terno, a gravata, a camisa, as botas e os blusões. Dessa forma, as vestimentas femininas ficam mais versáteis e práticas, tornando o guarda roupa das mulheres masculinizados em parte, mas sem deixar os vestidos e saias de lado.

No entanto, Lipovetsky (1989) mostra que o vestuário masculino, com o lançamento da moda *sportswear* e as roupas de lazer, adentra de vez no mundo das tendências e da moda, que desde o século XVIII era voltado em maior parte ao público feminino. O guarda roupa masculino, que antes era formado somente por vestes e ternos com tons escuros e sóbrios prezando pela aparência de seriedade no ambiente social e de trabalho, agora abre espaço, nos momentos de lazer, para peças mais despojadas com cores vivas e alegres, como blusões, camisetas, moletons, camisas e trajes de esportes, algumas dessas peças contem até mesmo estampas com inscrições ou grafismos, como é possível ver nos exemplos da figura 5 a seguir.

Figura 5 - Tendências atuais da moda masculina



Fonte: Produzido pela autora com imagens de FFW⁷.

Com exceção do vestuário, os cuidados com a aparência estética e física também têm passado por grandes mudanças durante os séculos e vem se tornando cada vez mais importantes e, assim como na moda, as tendências de beleza lançam padrões a serem seguidos. Atualmente existem vários procedimentos estéticos e produtos cosméticos que são utilizados para alcançar esses padrões. Dentre os cosméticos, o autor cita a maquiagem como o produto mais vendido nos últimos tempos e com essa crescente demanda alguns homens também têm se interessado por esses cosméticos, mesmo assim, a maquiagem ainda é considerada para muitos como um artigo exclusivamente feminino. Portanto, o mercado vem oferecendo aos homens que são mais vaidosos, produtos semelhantes aos femininos, mas sempre enfatizando a distinção dos gêneros tendo o cuidado de deixar claro o público do produto, ou seja, o homem não compra um hidratante, ele compra um hidratante masculino.

Quanto a aparência física, às mulheres é imposta a necessidade de possuir curvas para que sejam atraentes, pois uma mulher com seios pequenos ou uma mulher musculosa demais remete a uma aparência masculina. Para os homens

⁷ Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/streetstyle/this-charming-men-50-looks-de-street-style-na-semana-masculina-de-paris/galeria/thumbs/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

não é aconselhável ser muito magro, porque demonstra um físico frágil que é normalmente ligado a feminilidade.

Analisando esses pontos, tem-se a sensação de uniformização da moda, o que na verdade o autor mostra ser uma ilusão. Mesmo essa mescla dos vestuários femininos e masculinos e o surgimento de roupas unissex, não são suficientes para a evolução a uma moda unificada. Isso porque, o que parece caminhar para uma moda sem divisões de gênero logo mostra seus limites nos pequenos detalhes. Por exemplo, a calça é uma peça usada por homens e mulheres, mas é possível distinguir uma calça feminina de uma masculina, pela modelagem, pelos detalhes e até mesmo pelas cores. Camisas, bolsas, relógios e sapatos e diversos outros artigos possuem essa mesma característica, que impõem os limites de gênero nas minúcias das peças.

O equilíbrio na hora de se vestir ou portar em sociedade também demonstra a limitação de gênero ainda presente na moda. Ou seja, quando se atribui algum objeto ou alguma característica correspondente ao gênero oposto, surge a necessidade de resgatar outra característica do seu próprio gênero, para que haja um equilíbrio e dessa forma permaneça o distanciamento, mesmo que sutil, dos extremos. Segue exemplo na figura 6.

Figura 6 - Modelos Stefanie e Katia



Fonte: FFW⁸.

⁸ Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/models/noticias/cinco-modelos-que-chamaram-a-atencao-no-spfw-n42-para-voce-conhecer-agora/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

Se uma mulher usa um corte de cabelo curto, característica socialmente pertencente aos homens, ela deve estar sempre bem maquiada e vestida para resgatar sua feminilidade, evitando demonstrar uma aparência masculinizada.

Importante notar como esses casos são mais específicos para as mulheres, já que são elas que vem usufruindo de artigos masculinos. Não que o contrário, homens utilizando de artigos femininos, não exista, mas são poucos os casos. Relembrando o fato de que as mulheres possuem mais liberdade do que os homens quando se trata de adentrar os limites do sexo oposto, já que tudo que vem do mundo feminino é visto como uma distração ou algo perigoso na formação da masculinidade do homem. Por isso peças como vestidos e saias que estão enraizadas na moda feminina desde séculos atrás, não são aconselhadas ao uso masculino.

Além disso, Lipovetsky (1989) ressalta que mesmo as mulheres tendo adotado peças e acessórios do gênero oposto, é notável a persistência dos vestidos e saias, presentes no vestuário feminino por séculos. Essas peças não só permanecem na moda feminina como surgem no mercado cada vez mais fortes e estão sendo reinventados de acordo com as tendências. Dessa forma, os vestidos e saias são considerados peças obrigatórias no guarda roupa das mulheres e mesmo com a atribuição do uso da calça, não estão destinados a serem substituídos por essa, pelo contrário a calça serve apenas como complemento. O que reforça que mesmo que exista essa mescla entre feminino e masculino, é impossível apagar totalmente os padrões e limites que existem em torno de cada gênero.

4.2 PADRÕES BINÁRIOS IMPOSTOS NA INFÂNCIA PELA MODA

A moda voltada para as crianças nem sempre existiu, já que o próprio conceito de criança como se conhece hoje também não existia. Antigamente, as crianças eram vistas como miniaturas dos adultos, não havia uma preocupação em reservar um período para aprendizagem e diversão. Logo, fazer roupas que fossem confortáveis e dessem liberdade de movimento para as crianças brincarem e correrem, por exemplo, seria desnecessário.

Isso se deve ao fato de que as crianças não possuíam uma vida cotidiana e social separada dos adultos, que eram também os responsáveis pela decisão de quando e de quais tarefas sociais as crianças participariam. A maioria das crianças

costumavam iniciar suas atividades sociais em torno dos sete anos, incentivadas pelas suas famílias. Os filhos dos mais nobres tinham aulas de escrita e música, já aos que pertenciam a famílias menos favorecidas restavam as atividades domiciliares ou dos negócios da família, basicamente começavam a trabalhar desde cedo para ajudar em casa. Se desde novas as crianças começavam a viver no mundo dos adultos, automaticamente isso refletiria nos comportamentos e no vestuário, as expressões e posturas das crianças se assimilavam as dos adultos. (BARBOSA; QUEDES, 2008). Essas características são notáveis nas pinturas da época, como segue o exemplo na figura 7, onde aparecem crianças vestidas como adultos, o menino com calça e casaco e as meninas com os vestidos longos.

Figura 7 - Trajes infantis do século XIX



Fonte: Sir Anthony Van Dyck⁹.

Antes de serem introduzidas no mundo dos adultos, desde a Idade Média, as crianças de até três anos, tanto meninas quanto meninos, usavam uma espécie de bata branca, lembrando bastante as túnicas dos anos passados, essa peça pode ser vista na figura 8, logo em diante, sendo usada por Childs Frick quando criança. Depois disso entre três e seis anos elas começavam a utilizar os mesmos trajes que

⁹ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/five-eldest-children-of-charles-i/rgETLGbnb2EzxQ>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

os adultos, sendo assim seguindo as mesmas tendências da moda e por consequência os padrões binários que já eram impostos na infância através das vestimentas. (LURIE, 1992 *apud* CUNHA; MILLÉO, 2013).

Figura 8 - Retrato de Childs Frick



Fonte: James Archer¹⁰.

Essa situação pareceu mudar levemente com a chegada do Iluminismo. Conforme Ariès (1981, *apud* BEIRÃO FILHO; GONÇALVES, 2008) nesse período finalmente a criança passou a ser vista de maneira diferente dos adultos, com o objetivo de resguardar esse período inicial da vida, agora chamado de infância, para prepara-las para a vida adulta através de regras específicas.

Agora que as crianças tinham um período totalmente dedicado a elas, tudo voltado a infância deveria ser pensado para atender as suas necessidades, logo o vestuário teve que se adaptar. Foi somente no final do século XVIII que o vestuário infantil sofreu essas mudanças, as roupas passaram, então, a serem feitas pensando nos corpos infantis e nos movimentos feitos por este. Portanto as peças infantis agora eram mais leves, com cores mais suaves e tinham modelagens mais folgadas, permitindo a criança uma liberdade de movimento maior. Isso se deve as

¹⁰ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-childs-frick-as-a-child/WgEkUGxgFrD0Mw>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

ideias do filósofo e pedagogo Jean-Jacques Rousseau que acreditava que as crianças não deveriam ser tratadas da mesma maneira que os adultos, pois a infância é um estado natural. (GONTIJO, 1987 *apud* BARBOSA; QUEDES, 2008).

Mas esse período que trazia a sensação de liberdade na moda infantil não durou muito, segundo Beirão Filho e Gonçalves (2008), logo as roupas voltaram com as modelagens desconfortáveis seguindo o que as novas tendências ditavam. Mas dessa vez as peças não eram necessariamente iguais às roupas dos adultos da época. No início do século XIX, os autores mostram que o destaque da moda infantil era o traje marinheiro visto na figura 9, inspirado nos uniformes da marinha britânica e lançado pelo Eduardo VII, composto por calça branca, casaco azul marinho com gola quadrada na parte de trás e na frente em forma de gravata. Para as meninas, havia a adaptação com a saia plissada no lugar da calça, permanecendo a diferença entre os gêneros.

Figura 9 - Traje marinheiro infantil



Fonte: Jozef Hanula¹¹.

¹¹ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/boy-in-the-sailor-dress/qAGHgb_nWx8Ug>. Acesso em: 19 abr. 2019.

No século XX, por volta dos anos 1940, Kidwell (1989, *apud* CUNHA; MILLÉO, 2013) afirma que as jardineiras e os macacões se tornaram populares no cotidiano dos bebês e crianças, tomando o lugar das antigas batas brancas, mudança essa que permaneceu até hoje. É possível notar que desde a forte distinção das roupas entre femininas e masculinas, o único momento em que os meninos chegaram próximo ao vestuário feminino, foi quando utilizavam as batas nos primeiros anos de vida, mesmo assim existia uma grande pressão nas mães para que trocasse logo estas pelas calças. E, como para as meninas nessa época o uso da calça já era mais admissível, automaticamente a troca das batas pelas jardineiras se via lógica.

A chegada dos anos 1960, trouxe de vez o fim dos trajes complicados que limitavam a mobilidade das crianças, as roupas infantis voltaram a ser simplificadas dando maior liberdade as crianças para desenvolver qualquer tipo de atividade, além disso agora elas tinham mais direito de optarem por suas roupas. Nesse período também houve o surgimento do jeans, que era utilizado tanto por meninos, quanto por meninas em peças como calças e jaquetas. (BEIRÃO FILHO; GONÇALVES, 2008). Para Kern (2010, *apud* CUNHA; MILLÉO, 2013), o vestuário infantil se tornou mais unissex, com o uso de blusas e bermudas dando mais liberdade e igualdade para meninas e meninos.

4.2.1 Meninas vestem rosa e meninos vestem azul

Como visto anteriormente a moda infantil até o Iluminismo imitava a moda adulta e, portanto, seguia os padrões de gênero da mesma maneira. Quando a moda se adaptou melhor ao corpo infantil e começou a seguir suas próprias tendências, a distinção entre menina e menino já se mantinha presente. Além das diferenças encontradas nas modelagens e nas peças, outro fator que marca muito a distinção de gêneros na moda infantil, até os dias atuais, são as cores. As figuras 10 e 11 a seguir trazem exemplos de diversos produtos infantis que são vendidos até os dias atuais, desde roupas e acessórios a brinquedos, separando os gêneros pelas cores. Rosa para meninas e azul para meninos. Isso não significa, obviamente, que as crianças devam usar somente essas cores, mas em muitas ocasiões são elas que representam cada gênero. Mas quando, por quem e como isso foi determinado?

Figura 10 - Rosa para meninas



Fonte: Yoon Jeong-mi¹².

Figura 11 - Azul para meninos



Fonte: Ryu bee-ho¹³.

¹² Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/pink-project-jiwoo-and-her-pink-things/NwG-CEPJKgkNnQ>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

¹³ Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/blue-project-cole-and-his-blue-things/WQE6KQ4SFGxyyQ>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Na época em que as crianças usavam batas, conforme Paoletti em entrevista para Maglaty (2011), essas peças além de serem práticas para a troca das fraldas, eram todas brancas, o que facilitava na hora de lavar, pois não havia a preocupação em manchá-las. Por volta do século XIX, os tons pastéis foram acrescentados ao vestuário infantil, incluindo o rosa e o azul, mas sem serem relacionados a qualquer gênero, o que durou até o século XX. (GRANNAN, 2019).

As primeiras divulgações das tendências de cores para as crianças, de acordo com Paoletti, em entrevista para Maglaty (2011), aconteceram através de revistas norte-americanas por volta dos anos 1920, como a Time e a Filene's, que incentivaram os pais a vestirem os meninos de rosa e as meninas de azul, totalmente o inverso do que se vê hoje. Isso porque, o rosa era visto como uma cor mais decidida e forte como os meninos e o azul era considerado uma cor mais delicada e sensível como as meninas. Outras pesquisas recomendavam o uso do azul para crianças loiras com olhos azuis, e o rosa para crianças com cabelos e olhos escuros. (MAGLATY, 2011).

Em 1927, no entanto, foi realizada uma pesquisa em diversas lojas de departamento, com a qual foi percebido que nem todos concordavam com o exposto anteriormente, a respeito das cores no vestuário infantil. Havia lojas que pensavam o contrário, rosa para meninas e azul para meninos, e existiam lojas que recomendavam ambas as cores para ambos os gêneros. (ORÁCULO, 2019).

Por volta dos anos 1960, com a chegada dos movimentos liberais, as roupas unissex se tornaram o foco, com o objetivo de passar uma imagem não feminina que não segue as tendências e padrões de moda. As mães vestiam as meninas de forma mais masculina, pois acreditavam que assim elas se tornariam mais ativas e livres para escolherem o que lhes agrada. (MAGLATY, 2011).

Entretanto, em meados dos anos 1980, com o surgimento dos testes de pré-natal, deu-se de vez a classificação do gênero em seu estado final como se conhece hoje, a determinação de azul para meninos e rosa para meninas voltou definitivamente. A partir do momento em que os pais passam a saber o sexo da criança muito antes do nascimento, passa a existir toda uma preocupação em preparar a decoração do quarto e em comprar o enxoval e as roupas de acordo com a cor específica para o sexo do bebê. Assim, as lojas logo começaram a seguir a moda aproveitando para fabricar mais produtos infantis distinguidos pelas cores rosa e azul. (HARTMANN, 2011).

5 RUPTURAS DAS NORMATIVIDADES

Com o passar do tempo as pessoas que não se encaixam nos padrões de gênero enraizados e impostos pela sociedade heteronormativa que exige que as pessoas se comportem de acordo com seu sexo biológico, têm deixado de seguir a normatividade lutando pelos seus direitos de ser e agir como quiser, o que tem acontecido desde meados do século passado.

Assim surgiram as formas corporais de rupturas e subversões que contribuem para a quebra da heterossexualidade compulsória, interrompendo a repetição dos seus discursos opressores e de seus estereótipos. Dando lugar para a repetição das novas formas corporais que fogem de seus padrões e, a partir disso, abre possibilidades de compreensão e aceitação. (VIEGAS, 2017). Dentre as minorias que praticam essas rupturas em busca de igualdade estão as mulheres, com o movimento feminista, e, principalmente, os homossexuais, transexuais, travestis e os não-binários, com o movimento LGBTQ+¹⁴.

A partir disso, diversas teorias surgiram para defender a causa dessas minorias e suas formas de romperem a normatividade. Entre essas, a mais conhecida é a teoria Queer, formulada na década de 1980 descendendo dos estudos sociais que a antecederam, como os estudos gays, lésbicos e feministas. Dentre seus teóricos estão David Halperin, Judith Butler e Steve Seidman. (PINO, 2007). A teoria Queer serve como uma crítica à sociedade que transforma a imagem de quem não segue suas normas hegemônicas em sujeitos perversos, justificando por meio desses o que seria considerado normal. (MISKOLCI, 2007 *apud* HEINZELMANN et al., 2014).

Conforme Pino (2007), essa teoria também traz uma reflexão a respeito das diversidades de sujeitos que não se enquadram nos padrões binários e nem nos gêneros inteligíveis, ou seja, pessoas que não se definem necessariamente como homem ou mulher e as quais o gênero normalmente não é coerente com o sexo biológico. Visto isso, é possível pensar em maneiras totalmente diferentes de representações corporais. Para Heinzelmann et al. (2014), a teoria Queer apresenta o entendimento do corpo como sendo algo mutável, não devendo se manter preso a uma única forma determinada socialmente.

¹⁴ LGBTQ+: sigla que se refere a Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando e outros que não se encaixam nos gêneros binários.

Mas, Seidman (1995, *apud* LOURO, 2001) mostra que a teoria Queer não se limita apenas a explicar as repressões e expressões das minorias como também analisa a própria heterossexualidade como um regime de poder que decide quais as identidades de gênero são permitidas e quais não. Além disso, existe uma preocupação da teoria Queer em afrontar as formas de legislar as identidades e buscar maneiras de acabar com os conflitos envolvendo as normas de gênero, mostrando como respeitar as diversidades. (PINO, 2007).

A tradução original do termo Queer é esquisito, raro ou excêntrico, mas também é comumente usado para se designar a homens e mulheres homossexuais de forma pejorativa. Entretanto, o termo foi ironicamente adotado pelos movimentos LGBTQ+ atribuindo a este um novo significado de oposição a normatividade, representando sua resistência ao seu alvo principal, a heterossexualidade compulsória. (LOURO, 2001).

Conforme mostra Butler (2006, *apud* PINO, 2007), as pessoas representadas pela teoria Queer, assim como todos, crescem rodeados pelas normas da sociedade e, mesmo querendo rompê-las, sofrem uma grande pressão a todo momento, correndo o risco de terem sua imagem transformada em uma aberração, não natural. Por conta disso, elas vivem em um eterno conflito interno: confrontar as normas de gênero podendo ser visto com maus olhos ou se adaptar as normas para ser respeitado socialmente, mesmo que isso vá contra sua essência?

5.1 MODA SUBVERSIVA DE GÊNERO

Se as rupturas e subversões são maneiras de quebrar as normas de gênero impostas pela sociedade através do ser e do agir, o vestuário, sendo uma das principais formas de auto expressão, não deixaria de estar entre um dos principais meios de subversão dos padrões de gênero. Através da liberdade de escolha do vestuário, as identidades praticam as performatividades que ultrapassam as barreiras de gênero marcadas pela extravagância, com o objetivo de serem notadas, se destacando dos demais. (NEPOMUCENO, 2009).

Miskolci (2008, *apud* CARVALHO; SILVA, 2016) cita que a moda teve seu papel social modificado, já que antes era a responsável por delimitar as identidades, mas agora também é capaz de promover diversas outras possibilidades a serem seguidas pelas pessoas, dando-as a oportunidade de montar suas próprias

identidades.

Portanto, a moda se torna um meio de representatividade quando as marcas se apropriam das novas e diferentes identidades que existem fora dos padrões, trazendo novos conceitos sobre comportamentos de gênero. Sendo assim, ela acaba atingindo novos públicos e aumenta a visibilidade das minorias, se tornando essencial como instrumento de subversão na sociedade, podendo ser libertadora. (CARVALHO; SILVA, 2016).

Considerado metamórfico, o meio da moda muda e expande seus conceitos perante a sociedade a cada ano que passa. Atualmente já não é mais surpresa se deparar com mulheres usando ternos e homens usando saias pelas ruas, que agora se encontram cheias de sujeitos performativos indo contra as normas estruturadas de gênero. Eles chamam a atenção pelo fascínio e, ao mesmo tempo, pela dúvida que deixam nas pessoas. (NEPOMUCENO, 2009). Dentre essas pessoas que rompem os padrões pela maneira que agem e se vestem, estão pessoas públicas, artistas, cantores, atores e outros. Alguns exemplos serão expostos a seguir, com o intuito de visualizar melhor como a moda subversiva se apresenta.

Um dos clássicos e mais conhecidos exemplos de subversão da moda masculina surgiu na década de 1970, o cantor David Bowie. Conforme Delcolli (2016), o cantor não só quebrou barreiras na música e na moda, como também desafiou os padrões e preconceitos relacionados a identidade de gênero da época quando criou e incorporou o personagem Ziggy Stardust, um alienígena que é uma estrela do rock extravagante e bissexual como é visto na figura 12, a seguir.

Crane (2006) cita que nessa época o cantor chocou a todos quando apresentou uma imagem totalmente travestida, usando acessórios e peças consideradas femininas até então como: vestidos, perucas extravagantes, maquiagens extremamente coloridas e bijuterias. Segundo Vasone (2016), Ziggy não foi o primeiro e nem o último dos alter egos criados por Bowie, mas com certeza se tornou um dos mais famosos em um pequeno espaço de tempo, além de ter causado mudanças significativas na moda e até mesmo na carreira do cantor.

Figura 12 - David Bowie no traje Tokyo Pop



Fonte: Billboard¹⁵.

Outro exemplo mais atual é o ator, compositor e cantor Jaden Smith. Aos 20 anos ele é considerado um dos maiores ícones atuais da moda subversiva, marcado pelas suas produções que misturam peças tradicionalmente femininas e masculinas, fluindo entre os gêneros. Ele também já foi modelo, um de seus trabalhos que mais chamou a atenção foi na participação de uma das campanhas femininas da Louis Vuitton, ao lado de outros modelos, onde posou vestindo saias. (L'OFFICIEL, 2018). Segue uma das imagens da campanha para qual Jaden posou.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.billboard.com/photos/6842999/david-bowie-fashion-rebel-photos>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

Figura 13 - Campanha Louis Vuitton Verão 2016



Fonte: FFW¹⁶.

Diferente de David Bowie que expressava a moda subversiva através de um personagem, Jaden não faz isso somente em campanhas, mas também no dia-a-dia e em diversos eventos ele já foi visto usando sapatos com salto e vestindo saias e vestidos, deixando claro em suas redes sociais que ele veste o que quiser vestir, não se deixando influenciar pelos comentários do público. O artista acredita em uma moda sem segregação de gêneros. Inclusive, Jaden Smith lançou sua própria linha de roupas neutras chamada MSFTS, com o intuito de acolher e apoiar pessoas que pensam e se identificam com o artista. (BELLE, 2018).

Já entre as artistas mulheres que adotaram a moda subversiva, pode-se citar como exemplo marcante a atriz e modelo Ruby Rose que se considera *genderfluid*¹⁷ e conta que não é como se ela estivesse nos extremos dos gêneros feminino e masculino, ela não se sente totalmente mulher nem totalmente homem e no seu ver é como se ela aproveitasse o melhor de cada gênero. Tendo dias em que opta por um estilo mais feminino, dias que opta por um estilo mais masculino e as

¹⁶ Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/jaden-smith-estrela-campanha-feminina-da-louis-vuitton/>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

¹⁷ *Genderfluid*: pessoas que se identificam com o gênero masculino em alguns dias e com o gênero feminino em outros, ou seja, sua identidade flui entre os dois gêneros.

vezes fazendo a mistura dos dois. (MOONEY, 2015). Pode-se ver em seguida, na figura 14, exemplos de trajes usados pela atriz em diferentes dias, com estilos opostos.

Figura 14 - Trajes de Ruby Rose



Fonte: Produzido pela autora com imagens do Instagram¹⁸.

Além de quebrar os padrões de gênero através do seu estilo, Ruby já espalhou mensagens sobre o assunto de outras maneiras. Como, por exemplo, no vídeo Break Free¹⁹, lançado pela artista em 2014, aonde ela aparece nas primeiras cenas vestida de acordo com os padrões femininos, com vestido justo e curto, salto alto, maquiada e cabelo comprido, no decorrer do vídeo ela começa a se desconstruir como mulher e passa a se transformar numa figura totalmente masculina, cabelos curtos, sem maquiagem, usando camisa, calça e paletó. Não só transformando a aparência, mas também o modo de agir. (MCNAMARA, 2017).

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/rubyrose/?hl=pt-br/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EFjsSSDLI8w>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

5.1.1 Tendência da moda sem gênero

É importante ressaltar que a desconstrução de gênero tem sido buscada desde o século anterior por movimentos como o feminismo, que busca a igualdade de gênero, e o movimento LGBTQ+, que buscam direitos e a aceitação dentro da sociedade ainda tradicionalista em partes, além disso, vê-se que esses têm crescido cada vez mais e a repercussão destes assuntos em meio à população também aumentou, principalmente a questão da ideologia ou identidade de gênero.

Justamente por causa desses movimentos, que questionaram e ainda questionam os papéis dos gêneros e porque as pessoas deveriam seguir a estes padrões impostos pela sociedade heteronormativa, é que surge nas últimas décadas, dentre tantas tendências subversivas, a tendência de uma moda sem gênero, também conhecida como moda agênero. Coutinho, Oliveira e Portinari (2018) mostram que, na teoria, essa tendência tem como proposta desvincular os estereótipos de gênero das roupas, permitindo que haja um vestuário feito igualmente e que sirva tanto para homens e mulheres. “Os designers que criam roupas neutras em relação ao sexo hoje ecoam os sentimentos desses movimentos, conscientemente ou não.” (BAIN...*online*, 2015).

Quanto à origem dessa tendência, Barreto e Schneid (2017, p.11) alegam que “uma das primeiras ações impactantes acerca da moda sem gênero aconteceu na semana de moda de Londres – Inverno 2013, quando o estilista Jonathan Anderson desfilou homens de vestidos, *tops* e *shorts* de lã com babados”, desfile esse que causou uma repercussão muito grande em outras grandes marcas além da grande repercussão com o público.

Entretanto, Coutinho, Oliveira e Portinari (2018) apontam que o conceito agênero foi oficialmente lançado no desfile de estreia do estilista Alessandro Michele para a marca Gucci com a coleção de inverno 2016. Nesse desfile, que pode ser visto na figura 15, os modelos desfilavam com trajes que possuíam características ligadas ao gênero masculino e feminino. Dessa maneira, conforme os autores, a tendência agênero ganhou maior destaque e expandiu-se entre campanhas publicitárias, editoriais de revistas e outras grandes marcas internacionais como Giorgio Armani, Givenchy e Prada.

Figura 15 - Coleção Inverno 2016 da Gucci



Fonte: Produzido pela autora com imagens de FFW²⁰.

No território nacional, no mesmo ano em que a tendência aparece na Europa no desfile da Gucci, aparece em cena o estilista Ronaldo Fraga que traz indícios da chegada da moda agênero no Brasil através de sua coleção de inverno 2016 no São Paulo Fashion Week. O desfile, que pode ser visto na figura 16, tinha como tema o amor sem barreiras de gênero e buscava a libertação das normas heteronormativas. (CARVALHO; SILVA, 2016). Logo, a tendência começou a se concretizar em outras coleções também desfiladas no São Paulo Fashion Week trazidas por estilistas como Alexandre Herchcovitch e João Pimenta. Além das passarelas, a moda agênero também foi adotada por algumas lojas de varejo, como, por exemplo, a C&A que trouxe o estilo para suas campanhas com o slogan “Tudo lindo, tudo misturado – misture, ouse e divirta-se.”. (COUTINHO; OLIVEIRA; PORTINARI, 2018, p.146).

²⁰ Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/desfiles/milao/inverno-2016-rtw/gucci-men/1467027/colecao/thumbs/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Figura 16 - Coleção de Ronaldo Fraga



Fonte: FFW²¹.

Por outro lado, não se pode omitir que há algumas barreiras para que essa tendência se concretize conforme a proposta inicial, pois, nem sempre as roupas apresentadas nas passarelas, tanto internacionais como nacionais, servem para todos os tipos de corpos independentemente de seu sexo ou gênero. Isso porque os corpos femininos e masculinos já desenvolvidos possuem muitas diferenças, o que deve ser bastante analisado na hora de modelar a peça, já que o caimento de uma roupa é o mais importante para fazer as pessoas se sentirem confortáveis. “No entanto, isto não é regra, rapazes magros muitas vezes consideram melhor usar calça jeans feminina, porque o caimento é melhor. Mulheres, às vezes, preferem camisetas masculinas, pois são compridas e vestem bem.”. (BARRETO; SCHNEID, 2017, p.12).

A tendência além de ser sem gênero também não tem idade, com toda a repercussão da moda que vem quebrando os padrões heteronormativos os segmentos se expandiram e até marcas infantis mostraram interesse pela ideia. Abrindo espaço para pensar o que seria diferente na proposta de acordo com diferentes públicos e como ela pode influenciar na desmistificação de gênero.

²¹ Disponível em: < <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2016-rtw/ronaldo-fraga/1542916/colecao/thumbs/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

6 MENINOS E MENINAS USAM O QUE DESEJAREM

Mas e se as propostas de modas subversivas de gênero tivessem como público alvo as crianças? Sendo que esse tipo de moda age como uma forma de libertação dos padrões heterossexistas e, além disso, tem o intuito de promover igualdade entre as pessoas independentemente de qual seja seu gênero, as propostas dessa tendência para o público infantil seriam de grandíssima relevância. Isso se deve ao fato de todas as regras heteronormativas criadas pela sociedade serem repassadas de geração em geração e frisadas principalmente na infância. Segundo Silva e Vasconcelos (2012, *apud* MATTIA; RONCALIO, 2018) desde os tempos de Sócrates sabe-se que são nos primeiros sete anos de vida que ocorre a maior parte da formação do caráter. Por isso a preocupação excessiva dos pais na educação, fazendo parte disso as normas de comportamento de gênero.

Kail (2004, *apud* MATTIA; RONCALIO, 2018) afirma que é durante a infância que, dentre os principais conceitos que são ensinadas às crianças, estão os papéis de gênero. O autor complementa ainda que nesse período, as crianças tendem a entender de forma rígida o que lhes é ensinado, levando aquilo como verdade única.

Logo, se a moda sem gênero fosse introduzida na infância, as crianças aprenderiam a se verem de forma igual, pois não haveria mais a segregação por gênero nas roupas. Sendo assim, essa tendência funcionaria como uma forma de rebater qualquer tipo de desigualdade, preconceito e padrão que é aprendido também nessa época da vida. Claro que a mudança do vestuário é apenas o começo de uma caminhada que se compreende ser muito maior, pois para a total mudança das normas e conceitos do que é ser menina e do que é ser menino que são ensinadas as crianças também devem ser repensadas.

Isso, levando em consideração que mesmo sendo a mesma proposta que a moda agênero voltada para os adultos, essa moda para as crianças ganha mais um benefício, o fato de que na infância os corpos femininos e masculinos não possuem tanta diferença como na fase adulta. O que facilita a concretização de uma proposta de moda que visa vestir corpos e não gêneros.

Não só existe a possibilidade de uma moda subversiva voltada para o público infantil, como algumas propostas sobre o assunto já foram realizadas por estilistas e marcas nacionais e internacionais. Mas, estariam mesmo essas marcas

atendendo a proposta da tendência agênero e quebrando os padrões heteronormativos?

A partir dessas provocações, foram escolhidos três casos de marcas que trabalharam com a moda subversiva para as crianças que foram analisados para saber se a proposta se encaixa na ideia de moda agênero e, assim, construir as discussões deste trabalho. Dentre os casos estão a coleção do estilista nacional Alexandre Herchcovitch em parceria da marca PUC, a marca Celinununu lançada por Céline Dion em parceria da marca Nununu e a loja de departamento John Lewis.

6.1 ALEXANDRE HERCHCOVITCH PARA PUC

O estilista paulista Alexandre Herchcovitch começou a ter interesse pelo mundo da moda já na sua adolescência começando a costurar para ele mesmo, para familiares e amigos. Depois de formado, o estilista começou sua carreira com uma marca levando seu nome e teve principal destaque no final da década de 1990. A partir disso, ele se tornou reconhecido internacionalmente por seu estilo sofisticado e, ao mesmo tempo, fora do comum. Depois de 23 anos com sua marca homônima, Alexandre Herchcovitch desligou-se da empresa e anunciou seu novo projeto, o lançamento da marca À La Garçonne, em parceria com seu marido Fábio Souza. A nova marca trouxe uma mistura da alta moda com o *streetwear*. (RAMOS, 2018).

Durante todos esses anos em que Alexandre Herchcovitch marcou presença no mundo da moda, em muitas de suas coleções é possível notar referências de quebras de padrões. Quando questionado sobre sua relação com a moda agênero em entrevista para Barros (2017), o estilista respondeu: “Esse tema é presente no meu trabalho em todo o tempo. Eu não penso em roupas para homem ou mulher, mas sim para uma pessoa, não importa qual o gênero dela. Se ela quiser consumir, está à disposição. Se um homem quiser comprar um vestido, a mulher quiser comprar um casaco masculino, para mim não importa.”. Por conta de seu histórico na moda, a marca PUC mostrou interesse em seu trabalho e entrou em contato com Herchcovitch para a produção de uma coleção infantil da linha essencial.

A PUC é uma das marcas da Companhia Hering, e foi formada em 1984 oferecendo produtos de qualidade, desde roupas e acessórios, sempre no mercado

infantil. A marca busca sempre trazer as mais novas tendências de moda e adaptá-las para suas peças, trabalhando sempre com uma cartela de cores alegres e com um estilo moderno e versátil. A PUC conta também com linhas de pijama, moda praia e *underwear*. (PUC FRANCHISING, 2019).

Voltada para bebês e crianças de 2 a 16 anos. A marca é vibrante e passa muita energia através de suas peças e estampas coloridas, sua maior preocupação é trazer diversas opções de estilo para que a criança possa escolher, mas sem esquecer do principal, o conforto. (PUC, 2019). Diferente de Alexandre Herchcovitch, a marca sempre trabalhou com a divisão de gênero em suas peças, sendo a coleção em parceria com o estilista a primeira proposta de moda sem gênero da marca. No vídeo de *Making Off*²² da coleção, Herchcovitch fala um pouco sobre sua relação com a PUC. Ele relata que é um antigo cliente da marca, da qual ele compra roupas para seus filhos há muito tempo e agora teve a oportunidade de criar uma coleção exclusiva para a marca.

Essa coleção da marca, lançada em 2017, trouxe o conceito agênero para o público infantil, com a proposta de peças que possam ser usadas tanto por meninas quanto por meninos. A coleção propunha novas possibilidades de usar as mesmas peças, deixando de lado a divisão de gênero. Para o estilista, o maior desafio da coleção foi achar um meio termo que agradassem ambos, meninas e meninos. (BUENO, 2019). No vídeo de *Making Off* da coleção, Herchcovitch demonstra confiança e diz que tem certeza que as pessoas vão gostar da coleção não só os pais que comprem para os filhos, mas também as crianças.

A seguir, na figura 17, podem ser vistas algumas peças da coleção. Percebe-se que exatamente o mesmo look é usado pelo menino e pela menina, o que confirma o que foi dito anteriormente sobre uma possibilidade maior de moda agênero para o público infantil devido a semelhança dos corpos femininos e masculinos enquanto crianças. Dentre a cartela de cores da coleção estão o azul em tons claros e escuros, o vermelho, o preto, o cinza e o branco. Em comparação as outras coleções da marca, que, como dito anteriormente, costumam ter cores e estampas vibrantes, essa coleção se mostrou um pouco mais apagada para alcançar a neutralidade.

²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oVz0AuFtwEI>>. Acesso em: 05 maio 2019.

Figura 17 - Coleção PUC 2017



Fonte: Instagram da marca PUC²³.

As peças encontradas na coleção são jaquetas, coletes, calças, bermudas que podem ter a barra dobrada para o uso das meninas, camisetas e camisetas alongadas que podem ser usadas como vestidos soltinhos pelas meninas, como sugestão da marca na figura 18, a seguir.

Figura 18 - Coleção PUC 2017



Fonte: Instagram da marca PUC²⁴.

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/puc_oficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 05 maio 2019.

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/puc_oficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 05 maio 2019.

A saia e a cor rosa não se encontram na coleção, além disso as estampas trazidas são imagens de dinossauros, robôs e dragões, sendo notável a falta de aspectos femininos nas peças, tornando-as mais masculinizadas do que neutras.

6.2 A MARCA NUNUNU E A CANTORA CELINÉ DION

Criada pela intuição das coproprietárias e designers Iris Adler e Tali Milchberg, a marca Nununu é voltada para o público infantil. Desde seu lançamento, a marca se opõe as normas das heteronormatividades e vem quebrando estereótipos. A Nununu traz em suas linhas um estilo *unissex*, com o intuito de desfazer as divisões existentes, e alternativo, fugindo das roupas típicas e clichês infantis. Suas peças apresentam tons mais neutros e têm como forte característica a mistura do minimalismo com o bom humor, as peças nunca são “doces” ou “fofas”. Para as designers, o que realmente importa é possibilitar à criança a criatividade e a liberdade de escolher suas individualidades através das peças da marca. (NUNUNU WORLD, 2019).

O estilo diferencial da marca chamou atenção de várias pessoas, dentre elas a cantora Céline Dion que depois de tanto tempo de carreira na música resolveu ingressar no mundo da moda. A cantora aproveitou a oportunidade e entrou em contato com a marca para juntamente com as designers Iris Adler e Tali Milchberg lançar a nova marca de roupas infantis sem gênero, a Celinununu. (CRESCER, 2018). Levando em conta que, por mais que a Nununu já tenha um histórico que foge dos padrões de gênero, a marca ainda não havia trabalhado oficialmente com a proposta do sem gênero ou agênero.

Como resultado da parceria, a nova marca infantil traz consigo as características marcantes da Nununu só que com muito mais ênfase nas problemáticas de gênero. A Celinununu vê a moda como uma fôrma que molda a mente das pessoas e, por isso, através dessa, busca inspirar as crianças a serem livres e a se descobrirem por meio de suas peças. A marca tem como público alvo bebês e crianças, trabalhando suas peças sem distinções entre meninos e meninas com o objetivo de eliminar os papéis de gênero da infância para que, assim, os jovens possam ter a possibilidade de crescerem sem desigualdade e com liberdade. Além disso, um dos principais valores prezados pelas designers e pela Céline Dion na marca é o empoderamento e a educação, por meio da junção desses dois elas

acreditam que é possível ensinar novos conceitos em relação as normas da sociedade usando a moda como intercessora, permitindo as crianças a serem e se tornarem quem elas quiserem de verdade de acordo com sua própria essência. (CELINUNUNU, 2019).

Para a estreia da marca, a cantora lançou um vídeo que apresentava o conceito da Celinununu. No vídeo Céline aparece indo para um hospital, no trajeto ela discursa sobre a importância da infância e das crianças que serão nosso futuro. Ao chegar no hospital, ela se direciona a área da maternidade onde encontra vários bebês divididos pelas cores das roupas entre rosa e azul e, ao soprar um glitter mágico as roupas se transformam em peças pretas e brancas com estampas misturadas. Assim, Céline acaba com a divisão de gênero com as peças da nova marca, algumas dessas podem ser vistas nas figuras 19 e 20, a seguir. (CRESCER, 2018).

Figura 19 - Peças da marca Celinununu



Fonte: Produzido pela autora com imagens do Instagram da marca Celinunu²⁵.

É notável nas imagens como as características marcantes da Nununu se fazem bastante presentes nessa nova marca. A maioria das peças são nos tons de cinza, preto ou branco, e raramente em algumas se faz presente o amarelo, o verde

²⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/celinununu/?hl=pt-br>>. Acesso em: 07 maio 2019.

e o vermelho ou a cor rosa. As estampas se resumem a formas geométricas e símbolos como estrelas, raios, cruzes, letras ou frases. Quanto as modelagens, elas costumam ser mais soltinhas e, como é possível ver na figura 20, as peças também se encaixam nos corpos independentemente de gênero.

Figura 20 - Peças da marca Celinununu



Fonte: Instagram da marca Celinununu²⁶.

Na loja virtual, pode-se encontrar diversos tipos de peça: vestidos, calças, camisetas, coletes, macacões, e bodys, e assim como é a proposta da marca, não há divisão das roupas por gênero e sim por tipo de peça. Até mesmo nas fotos do website é possível ver tanto meninas como meninos usando diferentes tipos de peças aleatoriamente, porém não poderia passar despercebido o fato de que, exclusivamente, na seção dos vestidos apenas meninas aparecem usando as peças.

²⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/celinununu/?hl=pt-br>>. Acesso em: 07 maio 2019.

6.3 JOHN LEWIS E O FIM DA DIVISÃO DE GÊNERO NAS SEÇÕES INFANTIS

A John Lewis & Partners é uma das maiores empresas de varejo do Reino Unido com mais de 150 anos desde sua abertura em 1864, em Londres. A empresa possui atualmente 51 lojas e um website para compras online. As lojas contam com linhas de produtos do vestuário voltados para mulheres, homens e crianças, além das linhas voltadas para o ambiente domiciliar, que contam com móveis, eletrodomésticos e utensílios de decoração. A John Lewis possui uma grande preocupação com os valores da empresa e sempre demonstra o cuidado em oferecer ao cliente produtos de qualidade e um ótimo atendimento. (JOHN LEWIS PARTNERSHIP, 2019).

O nome da empresa passou por uma grande repercussão quando, segundo Torres (2017), foi tomada uma decisão revolucionária quanto ao vestuário voltado às crianças: as lojas John Lewis não possuiriam mais divisões de gênero em suas seções infantis e nem nas etiquetas das peças, como é possível observar na figura 21. Sendo a primeira loja de departamento a tomar esse posicionamento, ainda em 2017, com o intuito de não reforçar os estereótipos de gênero. Porém, Eccles (2017) cita que, essa mudança ocorreu somente nas lojas físicas, o site online ainda inclui opções de escolha entre menino e menina, o que a John Lewis já afirmou estar revisando.

Figura 21 - Novas etiquetas da John Lewis



Fonte: Daily Mail²⁷.

²⁷ Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-4845676/John-Lewis-ditches-boys-girls-labels-clothes.html>>. Acesso em: 08 maio 2019.

As roupas que foram realocadas no mesmo ambiente sem separação de menina e de menino, vão do tamanho zero ao quatorze. Com essa organização, existe a maior possibilidade de escolha livre e pessoal do cliente, sem sofrer influência das normas de gênero. A responsável pelas seções infantis das lojas é a Caroline Bettis, ela comunicou que o intuito da marca com essa mudança é permitir ao cliente uma variedade melhor e maior de escolha, aonde tanto os pais como as crianças são livres para escolher. (FOLHA DO NOROESTE, 2017).

Entretanto, mesmo sem a divisão das seções entre feminino e masculino, nos estilos das roupas ainda haviam características que se associassem as regras heteronormativas, ou seja, os vestidos continuavam rosas e floridos, por exemplo. Por conta disso a John Lewis ressalta cada vez mais a ideia de liberdade de escolha, chegando a lançar sua própria linha de roupas sem gênero, com cores e estampas neutras que remetessem somente a infância. (TORRES, 2017). Abaixo, na figura 22, é possível ver um exemplo em um dos looks da coleção sem demarcação de gênero.

Figura 22 - Look da coleção sem gênero



Fonte: Daily Mail²⁸.

²⁸ Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-4845676/John-Lewis-ditches-boys-girls-labels-clothes.html>>. Acesso em: 08 maio 2019.

A coleção conta com diversas peças: calças, blusas, camisetas, vestidos, dentre outros, todas essas com tons vivos e coloridos, como o amarelo, azul, vermelho, verde, rosa e tons complementares como o branco e o bege. Como os outros casos a modelagem também serve para ambos os corpos, femininos e masculinos. Por causa dessa proposta, a empresa recebeu muitas críticas positivas falando das vantagens de uma moda infantil sem rótulos. Mas também houveram críticas negativas, que alegavam que as etiquetas de feminino e masculino são informativas e necessárias, pois sem elas o consumidor fica confuso na hora da escolha do produto e que, na prática, a maioria não vestiria seu filho com um vestido (ECCLES, 2017).

Entretanto é possível notar que, diferente de outras marcas que só propuseram a moda sem gênero, a John Lewis vem mostrando que não adianta serem produzidas diversas coleções sem gênero, pois a decisão de usar ou não usar tais peças vem dos pais e das crianças. Por isso, o incentivo repetitivo a uma nova perspectiva através de discursos e do olhar de uma seção misturada, abrindo novos caminhos aos pais e filhos, permitindo as crianças se descobrirem.

6.4 DESCONSTRUÇÃO DA MODA BINÁRIA NA INFÂNCIA

Todas as três marcas apresentadas acima buscaram trazer em suas coleções a proposta agênero, ou sem gênero, especificamente para o público infantil, com o intuito de fornecer as crianças a libertação dos padrões de gênero e o livre arbítrio para escolher com que se identificam. Tendo em vista a maneira que a moda sem gênero se comporta nos corpos infantis, aumentam as chances da consolidação da proposta em comparação as voltadas ao público adulto. As vantagens que isso traz para a aceitação das diversidades e a redução da desigualdade entre os gêneros são evidentes. Isso porque os padrões de gênero são fortemente enraizados na sociedade por serem ensinados desde a infância. Para reverter essa situação seria necessário começar uma desconstrução do gênero e seus padrões também logo na infância.

Entretanto as propostas apresentadas estão mesmo de acordo com a ideologia da moda agênero? Como visto, um dos obstáculos da moda agênero é ideia de criar peças que sirvam para o corpo independentemente do gênero ou sexo. Como na moda infantil os corpos femininos e masculinos possuem poucas

distinções, esse obstáculo é superado, o que de fato é perceptível nas três marcas apresentadas. Todas elas trazem variados tipos de peças como calças, bermudas, camisetas, jardineiras, macacões, moletoms, casacos e coletes. Mas os vestidos e as saias são peças que fazem falta.

Na coleção de Herchcovitch até existe uma tentativa de apresentar um vestido que, na verdade, é uma camiseta alongada, como uma alternativa diferente para as meninas de usarem as camisetas, como é mostrado na própria campanha. Na Celinununu acontece o mesmo, existem vestidos em suas coleções, mas em uma quantidade muito pequena e apenas meninas aparecem usando a peça nas fotografias de campanha. Já a John Lewis, que também possui algumas dessas peças em suas coleções, não especifica a quem o uso do vestido se direciona, isso pelo menos em suas lojas físicas, pois como visto o site, em contrapartida, ainda conta com a divisão de gêneros.

Em relação as cores, pode-se notar algumas características em comum. As três marcas optaram por uma cartela de cores menos vívida como forma de criar uma certa neutralidade de gênero optando por tons pastéis ou mais escuros, o que foge da típica moda infantil. Esta característica aparece principalmente na marca Celinununu que costuma trabalhar mais dentro das cores preto e branco. Além disso, percebe-se, na maioria das peças, a falta do azul e do rosa, como forma de evitar a ligação de gênero às roupas, já que essas duas cores possuem uma forte influência da heteronormatividade. Destas duas cores, fica evidenciado que o rosa é o mais negado. A cor rosa aparece na coleção da marca Celinununu em tons muito claros e em mínimos detalhes das estampas de peças da John Lewis, quase que de maneira imperceptível. Já o azul é mais tolerado, aparecendo principalmente na coleção de Herchcovitch em tons escuros e claros.

Assim, as propostas de coleções de fato não têm distinção de gênero para as crianças, mas isso acontece em detrimento de algumas cores. Ao invés de ter todas as cores na coleção, como normalmente, o rosa e o azul ou somente o rosa são retirados para haver a possibilidade de uma neutralidade. Dando a entender que se as cores rosa e azul permanecerem ainda haverá relação aos gêneros determinados. Assim como visto na maioria dos casos, também é possível perceber a exclusão de peças consideradas extremamente ligadas a feminilidade, os clássicos vestidos e as saias. Ou, quando essas peças não são totalmente excluídas, acabam se tornando vestidos menos afeminados, porém ainda com o uso

exclusivo para as meninas sugerido nas campanhas.

Isso também é notável nas estampas de alguns dos casos analisados, como na coleção de Herchcovitch e da marca John Lewis, que tentam, novamente, trazer neutralidade para as peças usando desenhos que remetam mais a infância do que aos gêneros. Entretanto, os elementos presentes em ambas as coleções são dinossauros, robôs e dragões que acabam sendo ligados mais aos meninos, e em nenhum momento aparecem bonecas, flores e outras estampas associadas as meninas.

Percebe-se assim que, na maioria das propostas consideradas agênero para o público infantil, há sempre uma certa masculinização das peças, mas quase nunca a feminização das mesmas e quando raramente acontece, como no caso dos vestidos feitos pela John Lewis sem direcionamento a nenhum gênero, não é bem aceito pelo público. É importante ressaltar que, mesmo nas coleções que buscam desmistificar os papéis de gênero, ainda existe a alta preocupação em proteger a virilidade dos meninos ou a dificuldade de quebrar os padrões da masculinidade. Isso acontece porque, como já visto ao longo do trabalho, é mais aceitável as meninas adquirirem objetos e atos masculinos do que o contrário, devido ao longo trajeto que as mulheres vêm tomando, lutando pela igualdade de gênero e conquistando seus direitos.

Analisando essas características encontradas nos casos apresentados anteriormente, entende-se que em certos pontos, como a questão da modelagem, as coleções condizem com a proposta da moda agênero. No entanto é possível afirmar que há, ainda, muitos fatores a melhorar, principalmente nos pontos que exigem que haja uma certa neutralidade ou um equilíbrio das características consideradas femininas e masculinas para o uso de ambos os gêneros. Como na questão das cores, onde seria ideal que todas as cores pudessem ser usadas por qualquer criança independentemente de qual seja seu gênero. Assim, seria possível existir uma moda sem gênero sem necessariamente torná-la minimalista ou sem graça aos olhos das crianças.

Claro que o fato de as coleções não serem perfeitamente consideradas agêneras, de acordo com a real proposta do termo, não faz com que as mesmas não sejam subversivas. Pois não se deve deixar de lado os avanços que essas marcas tomaram em relação as problemáticas de gênero. Mesmo que sejam pequenos atos, já são um começo para um futuro com mais diversidade, liberdade e aceitação.

Através dessas coleções que rompem e se opõem contra a heteronormatividade podem haver mudanças importantes para a concretização de uma moda sem ligação ao gênero e a desmistificação dos padrões de gênero.

Por meio das análises dos três casos, fica notável que o maior desafio na proposta da moda sem gênero infantil está no momento de desvincular o conceito de masculino e feminino que a heteronormatividade criou, tanto dos comportamentos, como das roupas, acessórios e cores. Isso porque, como visto no começo do trabalho, a construção heteronormativa desses conceitos tem sido repassada entre as pessoas desde séculos passados. Portanto, ao invés de desconstruir esses conceitos ligados a objetos e ações, se torna mais fácil anulá-los. Entre os dois gêneros, fica claro nos casos apresentados, a maior facilidade em desvincular as roupas dos conceitos masculinos do que dos conceitos femininos. Isso porque as mulheres já vêm conquistando espaço no meio masculino a mais tempo, o que tornou o fato das mulheres usarem artigos antes considerados extremamente masculinos algo comum. Enquanto que para as meninas entrar no espaço masculino é visto como uma conquista, pois de acordo com os padrões heteronormativos a imagem masculina está ligada a atributos positivos como inteligência, força e independência, para os meninos se aproximar do espaço feminino ou demonstrar qualquer indício de feminilidade é visto de forma negativa, já que atributos como submissão, sensibilidade e fragilidade estão ligados a imagem feminina.

Claro que a formação e a enraização dos padrões de gênero que se conhece hoje, formados por uma sociedade heteronormativa, não surgiram de um dia para o outro, e sim, se trata de uma longa construção histórica e cultural. Padrões esses ensinados e incentivados logo nos primeiros anos de vida, separando meninas e meninos. Uma das principais causas para que haja a separação dos gêneros logo na infância, gerando consecutivamente a desigualdade e as normas relacionadas aos mesmos, é a preocupação em manter as crianças longe da sexualidade. Isso porque a sexualidade é vista como algo indecente, capaz de prejudicar a formação do caráter da criança. De acordo com o exposto ao longo do trabalho, os adultos tinham, e ainda têm, a preocupação em não entrar em assuntos envolvendo a sexualidade perto das crianças. Portanto, manter meninas e meninos afastados se vê como uma proteção, para garantir que não haja a possibilidade de descobrimentos em relação ao sexo oposto e nem questões sexuais levantadas pelas crianças. Isso acaba se refletindo no vestuário infantil.

Por esse motivo, existe a necessidade de deixar bem claro as diferenças que meninas e meninos possuem e é nesse momento que as roupas são usadas a favor da heteronormatividade. O vestuário serve como uma das principais ferramentas responsáveis pela segregação de meninas e meninos desde muito cedo. Junto com a divisão de gênero surgem os papéis de gênero, visando regulamentar também o comportamento de meninas e meninos, ressaltando a diferença entre esses, assim como o vestuário.

Em sua maioria, esses papéis são justificados biologicamente, como se fosse da natureza da mulher e do homem agir de determinada forma. O que mostrou-se ser calúnia nos estudos de Mead, que cita exemplos de culturas primitivas que possuem papéis completamente diferentes, senão opostos do que os que se conhecem em nossa sociedade. Mais um fator que comprova como a heteronormatividade é uma construção social e cultural e que pode sim ser desconstruída, começando na infância, dando a liberdade de escolha às crianças.

Levando em consideração como costumava ser no passado, quando haviam as túnicas que eram usadas por todos e quando os homens costumavam usar saias, sapatos com saltos, maquiagem e, em determinadas épocas, eram tão frívolos, senão mais, quanto as mulheres. Isso comprova que todos esses fatores que atualmente são considerados exclusivamente femininos e são evitados para os meninos, já existiram sem terem ligação alguma com gênero. Ou seja, salto alto já foi somente um sapato usado por quem quisesse aparentar ser mais alto e saias e vestidos já foram somente peças de roupa sem exclusividade para as meninas. O que possibilita a crença de que essas peças, por exemplo, podem ser usadas novamente por meninos sem conotação de feminilidade e sem que isso interfira em sua virilidade, assim como já foi em épocas passadas.

Levando ao fato de que assim como as mulheres vêm desde o século passado desconstruindo características, atos e objetos que antes eram exclusivamente masculinos. O mesmo deve ser feito com o inverso, também deve ser um processo longo de aceitação e desconstrução para que um dia saias e vestidos possam ser usadas por meninos sem nenhuma estranheza.

O que deve ser pensando, acima de tudo, é que roupas devem servir para proteger, expressar e enfeitar o corpo, mas em nenhum momento deveriam impedir as pessoas de serem quem elas querem ser e acabar reprimindo suas identidades e comportamentos por conta da heteronormatividade. É possível pensar em uma

moda que não seja regida por gêneros binários e heteronormativos e que permita a formação de crianças livres. Dessa forma, importa criar peças de vestuário infantil que deixem as crianças livres para escolherem o que querem ser, como querem se comportar e o que querem vestir, sem a influência de padrões binários de gênero que geram desigualdade de gênero e preconceitos. Deixa o menino vestir rosa e a menina vestir azul.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada teve como foco em buscar os conceitos envolvendo gênero, sexo, sexualidade e performatividade, além de relatar o percurso que a moda tomou para se enquadrar em uma matriz heteronormativa regida por padrões binários e de que maneira isso se reflete na infância e no vestuário das crianças. As crianças, por sua vez, são criadas para se encaixarem nos padrões de gênero desde muito cedo, eliminando, ou diminuindo muito, as possibilidades de a criança criar seu próprio estilo e tomar suas próprias decisões além de gerar estereótipos que frisam as diferenças dos meninos e das meninas aumentando a desigualdade de gênero.

Se a moda, atualmente fortemente binária, serve como uma das principais transmissoras dos padrões heteronormativos e acaba gerando desigualdade e preconceito, a moda subversiva, em compensação, vêm para rompê-los. Dentre as principais manifestações de moda subversiva, surge a tendência agênero. Portanto, a pesquisa em torno desse assunto mostrou-se relevante, podendo ser usado como forma de discutir como desconstruir os conceitos do que a sociedade heteronormativa diz ser homem e ser mulher, a partir do foco no vestuário infantil. As crianças são as que mais são afetadas pelas normas de gênero com suas liberdades de escolhas limitadas pelos pais e pela sociedade.

Um dos maiores obstáculos da pesquisa foi a limitação em torno de fontes seguras sobre a moda agênero, por mais que tenha alguns anos desde seu surgimento enquanto tendência, o que demonstra a importância desse trabalho e a oportunidade para novas pesquisas. Outra dificuldade encontrada foi quanto ao tempo para estudar alguns dos temas da pesquisa, como no caso da Teoria Queer. Por serem temas complexos que adentram em diversos outros campos do conhecimento acabaram sendo citados de maneira mais contida e requerem mais aprofundamento.

Com a análise, é possível concluir que as propostas atuais de moda agênero infantis que vem surgindo se enquadram como rupturas da moda binária, mas não cumprem completamente a proposta da tendência agênero. As coleções estudadas, que tem como objetivo criar um vestuário neutro demonstraram ter mais aspectos masculinos do que femininos. O que revela que ainda existem muitos obstáculos em relação à quebra dos padrões perante os meninos, que são vistos de

maneira negativa por usarem qualquer artigo que remeta ao feminino.

O que se sugere é que poderia haver melhorias em coleções agêneros infantis no simples fato de adicionar também elementos femininos nas peças, mixando as características de modo que houvesse uma neutralidade equilibrada. Ou ainda que fosse trabalhado qualquer tipo de elemento sem qualquer tipo de distinção, por exemplo, vestidos de florzinhas para meninos.

É importante frisar também que, além das coleções propostas, ficou notável a necessidade de abrir mais discussões sobre o assunto para que os pais consigam desconstruir os conceitos de gênero e, assim, se conscientizem sobre a importância de uma moda sem normas para as crianças. As crianças nascem sem nenhuma formação a respeito de gênero e performatividade, resta aos pais orientarem seus filhos e permitirem que eles sejam livres para formar seus próprios estilos e sua identidade de gênero. A moda agênero infantil acaba dependendo dos pais.

Admite-se que a pesquisa cumpriu o seu objetivo principal de analisar as coleções de maneira que fosse possível identificar em quais pontos a moda agênero infantil ajuda a desmistificar as normas de gênero, indo contra o típico vestuário infantil que divide meninas e meninos. Também em quais pontos ela deixa a desejar, as peças tendem a ser mais masculinizadas do que verdadeiramente neutras, incluindo todos os tipos de peças até saias e vestidos.

Essa pesquisa poderá vir a ser utilizada para a concretização de uma nova proposta de coleção infantil agênero, levando em conta as características necessárias para a concretização de peças verdadeiramente neutras de acordo com os pontos levantados pela pesquisadora. Além de servir como fonte segura para fundamentação de futuras pesquisas em torno de temas envolvendo vestuário, moda e gênero. O que abre novas possibilidades de discussões a partir dos pontos que não foram totalmente esclarecidos, por exemplo, como desvincular os conceitos de masculino e feminino das roupas perante a sociedade ou como esclarecer aos pais e sociedade as vantagens da moda agênero para que as crianças possam usufruí-la de maneira livre.

É importante observar como o campo da moda infantil pode servir como espaço para gerar muitas pesquisas e projetos, tanto quanto a moda adulta ou outros campos da área, ainda mais por ser uma importante ferramenta no desenvolvimento no período da infância. Essa pesquisa serve como o início de uma

grande discussão, permitindo que a partir dessa, surjam muitas outras pesquisas e leituras, principalmente com foco no vestuário infantil, pois a relação entre as crianças e a liberdade de escolha necessita urgentemente de mais atenção. Por isso a acadêmica pretende futuramente buscar se aprofundar mais no assunto através de novas pesquisas ou projetos.

REFERÊNCIAS

BAIN, Marc. **Sex and gender aren't perfectly binary. Why should clothes be?**. 2015. Disponível em: <<https://qz.com/381790/sex-and-gender-arent-perfectly-binary-why-should-clothes-be/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BARBOSA, Rita Cláudia Aguiar; QUEDES, Walkiria. Vestuário e infância: entre a adequação e as determinações sociais. **Actas de Diseño**, Buenos Aires, v. 5, p.31-34, jul. 2008. Disponível em: <https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/archivos/1_libro.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BARRETO, Taís Silveira Batista; SCHNEID, Frantieska Huszar. Moda sem gênero: representação de identidade e diversidade no vestuário. In: COLÓQUIO DE MODA, 13., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...**. São Paulo, 2017. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/COM_ORAL/co_3/co_3_MODA_SEM_GENERO.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BARROS, Maria Beatriz. **Alexandre Herchcovitch: 'Não penso em roupas para gêneros'**. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/alexandre-herchcovitch-nao-penso-em-roupas-para-generos/>>. Acesso em: 04 maio 2019.

BEIRÃO FILHO, José Alfredo; GONÇALVES, Eliana. Aspectos Ergonômicos: Evolução do Vestuário Infantil. **Actas de Diseño**. 2008. Disponível em: <https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A6017.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BELLE, Elly. **Jaden Smith Tweets About Wearing a Dress**. 2018. Disponível em: <<https://www.teenvogue.com/story/jaden-smith-dress-tweet>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; SILVA, Matheus Estevão Ferreira da. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 3, p.127-140, set-dez. 2016. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/viewFile/9856/6297>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

BUENO, Mariana. **Meninas e meninos podem usar as mesmas roupas? Nova coleção infantil mostra que SIM**. 2019. Disponível em: <<https://www.vix.com/pt/moda/544660/meninas-e-meninos-podem-usar-as-mesmas-roupas-nova-colecao-infantil-mostra-que-sim>>. Acesso em: 06 maio 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversões da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CABRAL, Francisco; DIAZ, Margarita. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo

Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CAMPOS, Miria Izabel; MACEDO, Edilaine de Mello; SARAT, Magda. Infância, gênero, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas. **Horizontes**, Dourados, v. 4, n. 7, p.121-134, jan-jun. 2016. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5907>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CARVALHO, Mário de Faria; SILVA, Gabriela Rabelo. Tendência(s) de mercado e questões de gênero(s): Identidades e novas dinâmicas da moda contemporânea. In: ENEC, 7., 2016, Niterói. **Anais eletrônicos...** . Niterói, 2016. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://estudosdoconsumo.com/wp-content/uploads/2018/11/ENEC2016-GT03-CarvalhoSilva-TendenciasDeMercadoEQuestoesDeGenero.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

CELINUNUNU. **About**. 2019. Disponível em: <<https://www.celinununu.com/about/>>. Acesso em: 07 maio 2019.

COSGRAVE, Bronwyn. **História da indumentária e da moda**. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

COUTINHO, Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Janara Morena da Silva de; PORTINARI, Denise Berruezo. Moda agênero: Uma proposta de moda que desconstrói as fronteiras de gênero?. **Dobra[s]**, São Paulo, v. 11, n. 23, p.140-156, maio. 2018. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/viewFile/715/489>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

CRESCER. **Céline Dion lança linha de roupas sem gênero para bebês e crianças**. 2018. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Moda/noticia/2018/11/celine-dion-lanca-linha-de-roupas-sem-genero-para-bebes-e-criancas.html>>. Acesso em: 07 maio 2019.

CUNHA, Joana; MILLÉO, Bianca Pomini. A evolução da moda infantil. In: COLÓQUIO DE MODA, 9., 2013, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** . Fortaleza, 2013. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-5-MARKETING_COMUNICACAO-ORAL/A-evolucao-da-moda-infantil.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2019.

DELCOLLI, Caio. **Não podemos nos esquecer disto: David Bowie também é um ícone LGBT**. 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/01/12/nao-podemos-nos-esquecer-disto-david-bowie-tambem-e-um-icone-lg_a_21692628/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ECCLES, Louise. **John Lewis ditches 'boys' and 'girls' labels from its children's clothes to avoid 'reinforcing gender stereotypes'**. 2017. Disponível em:

<<https://www.dailymail.co.uk/news/article-4845676/John-Lewis-ditches-boys-girls-labels-clothes.html>>. Acesso em: 08 maio 2019.

EMBACHER, Airon. **Moda e identidade**: a construção de um estilo próprio. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p.115-131, jan-jun. 2000. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/48688/30332>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

FINCO, Daniela; VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p.265-283, jul-dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

FOLHA DO NOROESTE. **Roupas infantis da John Lewis deixam de ter etiqueta de gênero**. 2017. Disponível em: <<https://www.folhadonordeste.com.br/noticias/roupas-infantis-da-john-lewis-deixam-de-ter-etiqueta-de-genero/>>. Acesso em: 14 maio 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 25, p. 29-44, 1978. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1708/1693>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

GRANNAN, Cydney. **Has Pink Always Been a “Girly” Color?** 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/story/has-pink-always-been-a-girly-color>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 24, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1205/identidade_genero_revisado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 mar. 2019.

HARTMANN, Margaret. **The History Of Pink For Girls, Blue For Boys**. 2011. Disponível em: <<https://jezebel.com/the-history-of-pink-for-girls-blue-for-boys-5790638>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio et al. A tirania da moda sobre o corpo: submissão versus subversão feminina. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p.297-305, ago. 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5275/527553106012.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

JOHN LEWIS PARTNERSHIP. **What we do**. 2019. Disponível em: <<https://www.johnlewispartnership.co.uk/about/what-we-do.html>>. Acesso em: 08 maio 2019.

LIMA, Fátima. **Corpos, gêneros, sexualidades**: Políticas de subjetivação. Porto

Alegre: Rede Unida, 2014. Disponível em: <http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/2014_Corpos_generos_e_sexualidades_poli%CC%81ticas_de_subjetivac%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

L'OFFICIEL. **9 vezes em que Jaden Smith arrasou no look genderless**. 2018. Disponível em: <<https://www.revistalofficiel.com.br/moda/9-vezes-em-que-jaden-smith-arrasou-no-look-com-saia-ou-vestido>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.541-553, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012/8865>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MAGLATY, Jeanne. **When Did Girls Start Wearing Pink?** 2011. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/when-did-girls-start-wearing-pink-1370097/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MATTIA, Jéssica Luiza; RONCALIO, Vanessa Weiss. A Segregação de gêneros na moda infantil e a importância do gênero na formação do caráter. In: COLÓQUIO DE MODA, 14., 2018, Curitiba. **Anais eletrônicos...** . Curitiba, 2018. p. 1 - 11. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/CO/co_3/co_3_A_segregacao_de_generos.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MCNAMARA, Brittney. **Ruby Rose Talks About Coming Out, Being Gender Fluid**. 2017. Disponível em: <<https://www.teenvogue.com/story/ruby-rose-talks-about-coming-out-being-gender-fluid>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MOONEY, Jessie. **OITNB's Ruby Rose Schools Us on Gender Fluidity**. 2015. Disponível em: <<https://www.elle.com/culture/movies-tv/a28865/ruby-rose-oitnb/>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. **Fazendo gênero, criando moda: a performance das identidades *queers***. In: COLÓQUIO DE MODA, 5., 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** . Recife, 2009. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202009/Moda-e-Territoria-de-Existencia-Processos-de-Criacao-e-Subjetividade/>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

NUNUNU WORLD. **About us**. 2019. Disponível em: <<https://www.nununuworld.com/our-philosophy/>>. Acesso em: 05 maio 2019.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de; SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. Ideologia heteronormativa: uma crítica à luz da teoria queer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, 4., 2016, Espírito Santo. **Anais eletrônicos...** . Espírito Santo: UFES, 2016. p. 1 - 16. Disponível em: <[http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER\(2\).pdf](http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER(2).pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

ORÁCULO. **Quando – e por que – o rosa se tornou cor de menina?** 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/quem-inventou-que-rosa-e-cor-de-menina/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

PINHO, Raquel; REIS, Neilton dos. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan-abr. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045/pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: Experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p.149-174, jan-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n28/08.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda**. São Paulo: Claridade, 2009.

PUC. **Sobre a PUC**. 2019. Disponível em: <<https://www.puc.com.br/store/pt/sobre-a-puc>>. Acesso em: 04 maio 2019.

PUC FRANCHISING. **Tradição alinhada à modernidade**. 2019. Disponível em: <<https://franchising.puc.com.br/puc.php>>. Acesso em: 04 maio 2019.

RAMOS, Aline. **O universo de Alexandre Herchcovitch**. 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/moda/2018/03/13/internas_moda,744844/o-universo-de-alexandre-herchcovitch.shtml>. Acesso em: 03 maio 2019.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p.145-168, jan-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n26/30389.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia científica**. Paracambi: Faetec/ist, 2007. 40 slides, P&B. Disponível em: <http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pesquisa acadêmica, pesquisa básica e pesquisa aplicada em duas comunidades científicas**. 1979. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/1979academ.htm>>. Acesso em: 21 maio 2019.

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TORRES, Victoria. **Lojas de departamento já não diferenciam entre roupas de meninos e de meninas**. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/03/economia/1504442718_877121.html>. Acesso em: 09 maio 2019.

VASONE, Caroline. **Dez legados de David Bowie na música e na moda que permanecem entre nós**. 2016. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/dez-legados-de-david-bowie-na-musica-e-na-moda-que-permanecem-entre-nos/>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

VIEGAS, Paula. Estereótipos de gênero e rupturas de sentido no discurso

publicitário. **Temática**, Paraíba, v. 13, n. 8, p.110-125, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/35736/18145>>. Acesso em: 25 abr. 2019.